ANNO XXIV — N.º 43
Rio, 25 de Outubro de 1930
— PREÇO: 1$000 —
OROZIMBO BELEM
RIO
FON FON

Revelações de um louco

JÁ conhecia o dr. Lownds através de suas importantes conferencias e do noticiário elegante dos jornaes. Conhecel-o pessoalmente foi, para mim, motivo de justificada alegria.

Era a hora do chá na bella residencia da baroneza de Campoamôr, respeitável matrona da antiga amizade de meus paes, quando cheguei.

A' minha entrada no velho solar da rua dos Guararapes, fui saúdado com effusão pela baroneza e suas filhas. Instantes após seguiam-se as apresentações:

— O nosso amigo dr. Lownds.

— Muito prazer, doutor. Já o conhecia de nome.

— Obrigado, caro senhor — respondeu-me amavelmente o medico.

Logo depois, a palestra, fina e espirituosa, subitamente interrompida, retomava o seu fio, com geral satisfação.

Falavam as moças sobre coisas da sociedade, de quando em quando interrompidas, pela grave baroneza, para uma pequena rectificação. A certa altura, Orlinda, a menina dos olhos da illustre titular, entre surpresa e alegre, annunciou:

— Mamãesinha, sabes de uma novidade?

— Não, minha querida. Que é? — respondeu, solicita, a mâe.

— Soube, hontem, por Marylda, que Gioconda de Macedo foi pedida em casamento pelo commendador Janet de Faria!

— E que ha nisso de extraordinario, menina? — atalhou a baroneza — a nova não é de espantar, pois que o commendador, apesar de viuvo e já contar cincoenta annos, é bem digno della.

— Não digo o contrario, mãesinha — obtemporou a formosa Orlinda — mas acho que Gioconda, com os seus vinte e um annos incompletos, é demasiado joven para desposar um homem de mais do dobro da sua idade.

As ultimas palavras de Orlinda foram abafadas com uma interjeição de espanto proferida pela baroneza, secundada pelas filhas mais velhas, todas unanimes em discordar do modo de pensar de Orlinda.

Somente o dr. Lownds e eu nos limitavamos a ouvir.

— Querida filha — sentenciou a baroneza — és ainda muito joven para avaliares certos aspectos da vida. Não concordamos com a tua opinião. Pudera! Somos mais velhas e, por isso mesmo, temos mais experiencia das coisas. Acho que Gioconda fará muito bem casando-se com o commendador Faria. Conheço-o de longa data. Sempre foi um cidadão probo, digno de geraes considerações. De indizivel felicidade no primeiro matrimonio, sua mulher, que também conheci, adorava-o. Não tenho duvidas de que essa moça andou bem avisada e a sua resolução merece encomios. Ao menos estará ao abrigo da miséria, pois que a fortuna do commendador tem sempre merecido referencias enthusiasticas.

As ultimas palavras pronunciou-as a baroneza com emphase invulgar, do mesmo passo que cobria a boa Orlinda com um olhar victorioso. Esta, contrafeita, pretextou qualquer coisa e levantou-se, dizendo:

— Os senhores me dêem licença, sim?

— Certamente, senhorita! — respondemos, o doutor e eu.

Retomando o assumpto, a baroneza não se conteve em perguntar-nos:

— Não gostariam os senhores de externar as suas opiniões sobre o que acabo de falar?

— Acho, baroneza, que somente a opinião do dr. Lownds seria bastante — respondi, ansioso por ouvir a palavra do celebre psychiatra.

— E' isso que ia pedir permissão para fazer — retorquiu o medico, mudando de posição no confortável "mapple" verde-escuro. — Não o fiz antes, notando que a baroneza discordava de Orlinda...

— E que mal ha nisso, meu caro doutor? — interveiu a grave senhora, em um tom de despeito.

— Permitta-me dizer que sinto muito discordar de v. ex. Nesta questão estou ao lado de sua filha — explicou o medico. — Bem vê que não me podia externar deante della.

Quando as outras filhas da baroneza, em companhia de uma amiguinha, se retiraram para o jardim, a nobre dama puxou a sua cadeira para mais perto de nós e disse, dirigindo-se ao medico:

— O senhor está intimado a dizer-me as razões que o levam a pensar de modo diverso. Interessa-me a sua palavra, visto que é um scientista.

Perfeitamente. Para justificar o meu ponto de vista, vou contar-lhes uma historia assás interessante e que se relaciona com a minha clinica.

E o dr. Lownds começou a sua narrativa:

— Ha já dez longos annos que isto se deu. Vinha de visitar o Velho Mundo, aonde fôra em busca das lições dos grandes mestres da psychiatria, quando fui convidado para assumir a direcção de uma importante secção do Hospital Nacional de Alienados. Embora ainda me sentisse cansado dos estudos e da viagem, todavia, não pude deixar de acceitar o logar, que, sobre ser honroso, tinha a vantagem de offerecer um vasto campo para pesquisas scientificas. Após um anno de trabalho no departamento de psychopatas, trouxeram-me, um dia, um doente para a necessária observação. Era um homem de estatura regular, compleição bôa, contando aproximadamente 54 annos. Estivera elle, pouco antes, internado em um hospital de doenças mentaes e vinha precedido da respectiva ficha psychologica. No cartão lia-se: "Melancolia accentuada; mania de perseguição; hypocondria com tendencia ao suicidio". Examinei o paciente, e, embora o

CARLOS RAMOS

achasse tímido e preoccupado. via que o seu olhar deixava transparecer algo que merecia estudo mais acurado. Fil-o recolher a um quarto, contando examinal-o detidamente mais tarde. Aquelle homem antolhava-se-me como um ponto de interrogação. No dia seguinte, trouxeram á minha presença o doente n. 33 — numero que recebera o paciente ao ser internado. Examinei-o com particular interesse, submettendo-o a um "test" psychologico. Notei que o doente, em meio ao trabalho, revelava lucidez imprópria no caso que lhe era attribuido — desequilíbrio mental com manifestações freqüentes de allucinação integral — o que motivára a sua transferencia para aquelle hospital.

O dr. Lownds fez uma pausa. Depois proseguiu:

— Desde esse dia, o 33 tornára-se para mim o caso mais curioso da minha clinica. As minhas conclusões não correspondiam ao diagnostico dos collegas. Aquelle individuo continuava sendo o mesmo enigma que eu me propuzera decifrar. Uma noite, decidi pernoitar no hospital pará observar o doente em recolhimento. Com grande espanto, notei que elle, áquella hora tão solitaria, tinha a physionomia serena, o que se notava perfeitamente á luz de uma pequena lampada. Parecia o mais equilibrado dos homens. Não fazia tregeitos, como de costume. Elle, que, de ordinário, não permanecia calmo, um minuto sequer, encontrava-se agora sentado á beira da cama, curvado para a frente, a cabeça apoiada sobre as mãos em copo, em attitude commoda e meditativa. Em dado momento, levantou-se, ergueu o colchão e, de debai-

Revelações de um louco

(Continuação)

xo delle, retirou um enveloppe escuro. "Uma carta? Que será aquillo?" — perguntava a mim mesmo. Afinal, pude ver que era uma photographia. O 33 contemplou-a longamente, beijou-a com enternecimento, e, depois de a ter collocado novamente no esconderijo, deitou-se para dormir.

Alguém desejava falar á baroneza. O doutor interrompeu a narrativa para, minutos após, continuar:

— No dia seguinte, ordenei que trouxessem o doente para o meu consultorio. Entrementes, mandei dar uma busca no seu leito e de lá retirar o que encontrassem. Effectivamente, dali a pouco o enfermeiro retornava, passando ás minhas mãos um enveloppe contendo uma photographia. Occultamente, examinei o objecto. Era um retrato de formosa mulher, parecendo ainda muito joven. Conclui que fosse filha do meu doente, a julgar pela sua idade. Outro não foi o meu pensamento. Entrei no consultorio e fixei o paciente. Este olhou-me com ar abobalhado, cabellos em desalinho, a proferir palavras sem nexo, ora sentado, ora de pé, sem achar posição. Ordenei-lhe que se sentasse em uma confortável cadeira de braços destinada aos doentes, e, sem que elle presentisse o meu gesto, apresentei-lhe a photographia, perguntando:

"— Conhece esta mulher?

"O homem abriu desmesuradamente os olhos, enrubeceu, e, sem dizer palavra, arrebatou-me das mãos o objecto. Depois bradou:

"— Mas isto é uma infamia, doutor!

"O plano sortira effeito. O infeliz denunciara-se sem o querer. O gesto e a expressão physionomica eram de um individuo normal que se sentisse offendido no seu amor-proprio. Não alimentava mais duvidas sobre as minhas conjecturas. O mysterio estava aclarado. Com voz alta e energica, disse-lhe:

"— O senhor é um mystificador, um embusteiro. Terá que ajustar contas com a policia.

"Ia fazer outras considerações quando o pseudo enfermo se lançou de joelhos a meus pés, dizendo, entre soluços:

"— Ah, doutor! Pelo amor de Deus tenha piedade de mim! Sou mais desgraçado do que todos os doentes que se encontram nesta casa. Permitta que lhe conte a minha historia, e estou certo de que o senhor me dará razão.

"Após ter fechado cuidadosamente a porta, dispuz-me a ouvil-o. Ali contou-me a sua triste historia.

"Havia cinco annos liquidára todos os seus haveres no Sul, vindo fixar residencia no Rio. Possuindo invejável fortuna, não mais se preoccupava com negócios, resolvido que estava a levar uma vida calma para compensar os muitos annos de afanosa lida que tivera na mocidade. Era celibatario por principio, por isso que achava a mulher um ser perfeitamente dispensável ás cogitações do homem. Aqui chegado, foi visitar um velho amigo de infância, com quem não se avistava desde muitos annos. O amigo exultou em vel-o. Abraçaram-se com effusão, evocando o passado longínquo. Tempos depois, como vivesse tão só e ainda estranhasse o ambiente da metropole, o amigo, gentilmente, convidou-o a ir para a sua casa. Desde então, para elle, tudo se modificára. A família do amigo — a senhora e tres encantadoras filhas — tratava-o com affectividade e dedicação invulgares. Por seu turno, sabia elle ser reconhecido. Sentia-se tão identificado com o meio em que vivia, que

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ..... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: [illegible]
Gustavo Barroso　　Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltda. Praça do Patriarcha, 5 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — N. 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde social provisoria: **RUA NOVA DO OUVIDOR, 27 — RIO DE JANEIRO**

(EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

27.º SORTEIO — 15 DE OUTUBRO DE 1930

108.001 — Antonio Rodrigues da Silva — Jatahy, Goyaz
1[illegible]7.874 — Manoel Ribas — Palmas, Paraná.
177.410 — Isaac Israel Benchimol — Porto Luiz, Acre
[illegible]0.507 — Fulgencio Simões Rodrigues — Belém, Pará
1[illegible].132 — José Tomás Sanz — Aracajú, Sergipe
10.1131 — Tito Livio Barbosa — Uruguavana, Rio G. do Sul
1[illegible].373 — Neomedes de Moraes Rego — Pedreiras, Maranhão
[illegible]1.232 — Benedicto Carvalho da Silva — S. Luiz. idem
12[illegible].690 — José Marinho Lamenha Lins — Maceió, Alagôas
121.337 — Americo de Almeida — Idem, idem
1[illegible]5.048 — Antonio Cronemberger dos Reis — Canto ao Burity, Piauhy)
[illegible]17.293 — Gervasio Raulino da Silva Costa — B. Maratahoan, id.
[illegible]10.229 — Greorio Cacholi — Muquy, E. Santo
143.287 — Orcino Teixeira de Siqueira (1) — S. J. Calçado, idem
1[illegible].684 — Glycerio Esteves Lima — Itabuna, Bahia
1[illegible].292 — Tito Weldinger Baptista — Joazeiro, idem.
1[illegible].396 — Celerino Aguiar — B. da Estiva
1[illegible]9.774 — César de Adolpho Campello — Fortaleza, Ceará
1[illegible].002 — Paulo Soares Vianna — Quixadá, idem
1[illegible].514 — Alexandre Mattos Costa Lima e Egisa Leite Costa Lima (conjuncto) (2) — Aracaty, idem
1[illegible]6.647 — Ignacio Rego Costa — Gravatá, Pernambuco
[illegible]1.750 — Thomaz da Veiga Seixas Sobrinho — Recife, idem
[illegible]2.471 — Archimedes de Oliveira Souza (3) — Idem, idem
[illegible]3.008 — José Gomes de Mello (4) — Idem, idem
[illegible]17.770 — João Alqueres Baptista — Petropolis, E. Rio
[illegible]2.668 — Oswaldo da Costa Xavier — Nictheroy, idem
[illegible]147 — João Pereira dos Santos (5) — Itaperuna, idem
[illegible]7.680 — Antonio Alves Figueiredo — Macahé, idem.
[illegible]110 — Antonio Teixeira — Nictheroy, idem
[illegible]17.294 — José Baptista Mello (6) — Capital Federal
[illegible]3.840 — José Antonio de Souza (7) — Idem
[illegible]5.411 — Agostinho Thiago Alvares Pinto — Idem
[illegible]3.893 — Raul Pontual de Petrolina — Idem
[illegible]016 — Newton O'Reilly de Souza — Idem
[illegible]031 — Claudio Otto Oneto — Idem
[illegible].901 — Basilio Padula — Idem
[illegible].395 — Oscar Raymundo Ribeiro — Idem
[illegible].432 — Manoel Paulo Telles de M. Filho — Idem
[illegible]5.679 — Luiz Piantieri — Idem
[illegible].234 — José Mendes do Couto — Idem
[illegible].317 — Antonio Fernandes dos Santos (8) — Idem
[illegible].521 — Dr. Paulino Barcellos — Idem
209.173 — Jair Lins — B. Horizonte, Minas
197.171 — Carlos da Cunha Corrêa — Idem, idem
204.627 — João Netto Corrêa Mourão — Itapecerica, idem
166.903 — Antonio Fernandes — Caratinga, idem
138.815 — Octavio Rodrigues Cintra — Itaú, idem
134.976 — Antonio Andrade (9) — Sete Lagôas, idem
1[illegible]3.603 — José Candido de Magalhães (10) — Bello Horizonte, idem
[illegible]08.668 — João Ribeiro Vianna — Idem, idem
198.550 — Alamy Falleiros — S. J. Capetinga, idem
13[illegible].882 — Francisco Theodoro Junqueira — Leopoldina, idem
211.790 — Pelicano Frade — Bello Horizonte, idem
157.463 — Onofre da Rocha Ferreira (11) — Tombos, idem
[illegible]02.552 — Luiz Homem de Faria — Mercês, idem
206.724 — Alberto Filling — Bello Horizonte, Minas
201.240 — Gabriel Bernardes — Idem, idem
130.754 — Jarbas Côrtes Domingues — Cataguazes, idem
162.588 — Gilberto da Cruz Dutra — Ponte Nova, idem
203.524 — Luiz Gonzaga Pinheiro — Idem, idem
207.964 — Polycarpo de Magalhães Viotti — Bello Horizonte, Minas
170.600 — Celestino Bourroul — S. Paulo, S. Paulo
119.134 — Martim Pontes — Idem, idem
162.015 — Alexandre Queiroz Lugo — Idem, idem
21[illegible].371 — Marietta Stupiello Russo — Idem, idem
176.742 — José Vieira Tucci — Idem, idem
202.162 — João Frederico Theodoro Brandt — Idem, idem
176.481 — Mario Del Carlo — Idem, idem
170.562 — Paschoal De Simone — Conchas, idem
190.505 — José Vanzo — Fernando Prestes, idem
137.555 — Olympio Bueno — S. Paulo, idem
181.548 — Antonio Malcher P. de Souza (12) — Taquaratinga, idem
169.808 — Nicolino Pileggi (13) — S. Carlos, idem
126.652 — Dante Feneck — S. Paulo, idem
209.833 — José Armando da Silva — Pinheiros, idem
191.906 — Antonio Theodoro Nogueira Filho — Collina, idem
191.712 — Edmundo Grober — S. Paulo, idem
191.260 — Caetano Munhos — Itapira, idem
185.360 — Virgilio Marques de Almeida — S. Joaquim, idem
125.607 — Antonio Pereira Ignacio (14) — S. Paulo, idem
200.414 — Manoel Dantas Mendes Cruz (15) — Idem, idem

(1) O Sr. Orcino Teixeira de Siqueira teve a sua apolice n. 143.288 sorteada em 15 de julho de 1927.
(2) O Sr. Alexandre Mattos Costa Lima teve a sua apólice n. 169.779 sorteada em 15 de julho do anno findo.
(3) O Sr. Archimedes de Oliveira Souza teve a sua apólice n. 98.930 sorteada em 15 de outubro de 1920.
(4) O Sr. José Gomes de Mello teve a sua apolice numero 123.011 sorteada em 15 de outubro de 1929.
(5) O Sr. João Pereira dos Santos teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Abril de 1925.
(6) O Sr. José Baptista Mello teve a sua apólice numero 178.430 sorteada em 15 de abril do corrente anno.
(7) O Sr. José Antonio de Souza teve a sua apólice n. 113.842 sorteada em 15 de julho de 1921.
(8) O Sr. Antonio Fernandes dos Santos teve a sua apólice n. 106.953 sorteada em 15 de outubro de 1924.
(9) O Sr. Antonio Andrade teve esta mesma apólice sorteada em 15 de abril do anno passado.
(10) O Sr. José Candido de Magalhães teve a sua apolice n. 172.927 sorteada em 16 de abril de 1928.
(11) O Sr. Onofre da Rocha Ferreira (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios), teve a sua apólice n. 157.454 sorteada em 15 de julho de 1927 e a de n. 157.465 sorteada em 15 de abril do anno passado.
(12) O Sr. Antonio Malcher Pereira de Souza teve a sua apólice n. 180.789 sorteada em 15 de outubro de 1928.
(13) O Sr. Nicolino Pileggi teve a sua apólice n. 169.811 sorteada em 15 de outubro de 1927.
(14) O Sr. Antonio Pereira Ignacio (tambem pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios), teve a sua apólice n. 113.176 sorteada em 15 de janeiro de 1924 e a de n. 134.992, em 15 de outubro do anno passado.
(15) O Sr. Manoel Dantas Mendes Cruz teve a sua apolice n. 127.021 sorteada em 16 de julho de 1928.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 4.088 apólices, no valor total de Rs. 18.970:369$500, importancia paga em DINHEIRO aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores

a todo momento bemdizia a resolução de se ter mudado para o Rio de Janeiro. Das filhas do casal, duas — as mais jovens — estudavam na Escola Normal. Marianna — a mais velha — terminára o curso de piano e leccionava a algumas meninas. Contava, então, vinte ridentes primaveras, e, em muito, se distinguia das irmãs: era muito mais bella e possuia predicados moraes que a collocavam em maior evidencia. Emquanto ella revelava excepcional temperamento artistico, suas irmãs só se preoccupavam com futilidades.

"A vida em commum com aquella familia fizera-o conhecer a psychologia de cada um dos seus membros. Depois do que já havia observado, é claro que a sua admiração por Marianna crescera de vulto. As maneiras refinadas daquella joven attrahiam as sympathias de qualquer mortal; e elle, sem disso se aperceber, tornara-se o maior admirador della. Com surpresa para si mesmo, convencera-se de que, pela vez primeira, era assaltado por uma paixão atroz. Lastimava, agora, ter perdido estupidamente os melhores dias de sua radiosa mocidade, preoccupado em fazer fortuna. Mas, que fazer? Sentia-se arrastado á ventura que se lhe antolhava inédita...

"Por esse tempo morre o amigo, deixando a familia ao completo desamparo, pois nunca conseguira passar de um modesto funccionario publico. Ante a angustiosa situação da familia, promptificara-se a soccorrel-a, no que foi acceito.

"Certo dia, enchendo-se de coragem, chamou d. Adelia — assim se chamava a viuva — e fel-a sciente da sua paixão por Marianna e do seu desejo de desposal-a. A viuva sorriu de surpresa e satisfação, promettendo consultar a filha. Alguns dias após, d. Adelia, acompanhada de Marianna, foi á sua presença dizer-lhe que esta, de bom grado, acceitaria a proposta de casamento.

"Casaram-se dois mezes depois. A esposa se revelara de uma bondade e submissão invulgares, o que fez augmentar a sua dedicação por ella e pela familia, que continuava a precisar do seu auxilio. A vida,

Revelações de um louco

no seu entender, corria plena de felicidade para ambos.

"Um dia, chegando á casa mais cedo do que de costume, fôra informado de que a esposa havia sahido. Entrando no quarto, notou que a gaveta do "bureau" — um pequeno movel de uso particular de Marianna — se achava semi-aberta, o que nunca antes fôra notado. Assaltou-o uma inexplicavel curiosidade de ver o que encerrava aquella gaveta. Puxou-a cautelosamente e logo se lhe deparou uma carta encerrada em um enveloppe ainda aberto, endereçada a Paulo Demetrio. Apanhou-a soffregamente e leu-a em sobresalto. Era Marianna que respondia á interpellação do seu antigo namorado, informando-o do seu casamento e supplicando-lhe que a perdoasse por não o ter esperado, visto que a desgraça a havia colhido nas suas malhas, depois da morte do pae, obrigando-a a desposar um homem a quem não amava, mas que se tornara credor de sua gratidão eterna pelo muito que fazia por si e pelos seus. Terminava declarando que o seu unico amôr fôra o destinatario da missiva, mas que, agora, o aconselhava a esquecel-a para sempre, porque o seu esposo, posto que velho, era merecedor da sua gratidão e do seu respeito.

"As ultimas palavras daq[...] carta, leu-as sentado, por não [...] tido forças para resistir a tama[...] choque. Toda a sua felicidade [...] despedaçára na solidão da alc[...] como um jarro de Sévres que [...] vesse cahido de grande altura. [...] cara attonito, sem saber si d[...] Odiar ou ter pena da infeliz Mar[...] na, que se sacrificara por amo[...] mãe e ás irmãs. Achou melhor [...] flexionar. Ao cabo de alguns d[...] estava convencido de que a esp[...] era digna do seu perdão. Recon[...] cera o seu erro em ter insistido [...] casamento, ajudado por d. Ad[...] que, naturalmente, influirá no [...] pirito da filha. Tarde compreh[...] dera que a grande dedicação de [...] rianna pelos seus parentes a [...] vara á loucura de unir-se a [...] homem que poderia ser seu [...] disposta a matar todos os [...] ideaes de moça.

"Delle, a maior preoccupaç[...] agora, era libertar a joven mul[...] Mas, como? Occorrera-lhe a [...] do suicidio, mas sentira-se acov[...] dado para a empresa. Ademais, a[...] minava esse gesto, quasi sem[...] attribuido á fraqueza de espirito[...]

"Nasceu-lhe, então, uma idéa [...] estravagante quanto a do suicid[...] manifestaria desequilibrio men[...] apparente, dando mostras de qu[...] seu supposto mal se aggravava, [...] passar por louco. Iria para o H[...] picio disposto a tudo soffrer, na [...] perança de espiar a sua culpa. O[...] to, mais tarde morreria na pri[...] ou enlouqueceria deveras. De qu[...] quer modo, Marianna ficaria li[...] para se unir a Paulo Demetrio, [...] unico e verdadeiro amôr, realiza[...] do, assim, o seu antigo ideal, co[...] premio de sua bondade e do seu [...] crificio. E foi o que elle fez."

— E depois, doutor? — inquiriu [...] baroneza, emocionada.

— Pediu-me instantemente q[...] guardasse o seu segredo, porque, [...] o não fizesse, o obrigaria a es[...] par-se pela porta do suicidio.

E o dr. Lownds concluiu a s[...] narrativa com estas palavras:

— Pobre homem! Não mu[...] tempo depois de se ter avistad[...] commigo, foi encontrado morto [...] seu leito, victima de um collap[...] cardiaco.

Almanak Laemmert

A Empresa Almanak Laemmert, Limitada, offereceu-nos a collecção completa dessa conhecida publicação, que, é, no genero, a maior e a mais antiga do Brasil, tendo apparecido, pela primeira vez, em 1844, e estampando sempre informações completas sobre a vida nacional.

Compõe-se a collecção que acabamos de receber de quatro grossos volumes, encadernados em percalina, e com mais de seis mil paginas de texto, estando comprehendido no primeiro o Districto Federal, no segundo o Estado de S. Paulo, no terceiro os Estados do Norte e no quarto os outros Estados do sul.

REALIDADE

ERA um lar muito unido, muito feliz... E, comtudo, que prognosticos horriveis não se tinham feito, a proposito delle!

A ella, chamavam louca, imprudente; elle, diziam ser um estroina.

Por que? Porque entre elles existia uma differença flagrante. Elle trazia uma cabeça soberba, de traços regulares e fortes, sobre um corpo harmonioso de joven deus; ella, ao contrario, tinha, por todo merito, o seu chic indiscutivel e o encanto espontaneo das suas maneiras — do seu espirito brilhante.

Todavia, elle a contemplava com os seus olhos ternos e maravilhosos, e era um motivo de ironias tanto mais ferinas quanto era acre o despeito daquelles que as proferiam.

No céo azul do seu amor havia uma nuvem, uma só, que os atormentava, sem chegar a escurecel-o. A situação do joven, que sempre fôra considerado como de futuro, não parecia em nada ser do presente.

O pequeno dote da joven, que elles haviam dissipado chegara ao seu termo, sem que o tivessem augmentado. Mas pode alguem se preoccupar com o dia de amanhã, quando se ama loucamente, e se é joven, forte e de bôa saude?

Em virtude desse principio reconfortante, elles se reuniram, naquella noite, á saida do theatro, ao bando alegre que havia escolhido uma elegante boite de Montmartre, para local de reunião.

Quando entraram na sala, depois de haver trocado na sombra propicia o seu ultimo beijo, foram acolhidos com ruidosas exclamações: "Venham, retardatarios... Bella madame!... Sentem-se... Apollo, fica ao lado de Geo... Tu hoje podes sentar longe da tua bella esposa..."

E ás numerosas piadas foram rebatidas pela joven...

A orchestra negra explodiu e o alegre bando não pôde resistir á dança. Só elle ficou sentado, sob o pretexto de estar fatigado e de cidido a fumar tranquillamente.

O seu olhar errante seguia os pares e foi buscar a sua esposa que lhe sorria de longe, ou fazia a volta do salão, procurando as pessôas conhecidas.

De repente, elle se sentiu attrai do pelo magnetismo de uma atten ção fixada sobre elle. Voltou-se. A uma mesa vizinha daquella que occupava, dois homens estavam sentados. Um delles, já embria gado, examinava-o, sem imperti nencia, mas com uma insistencia que o espantou.

Os seus olhares se cruzaram. O outro se retraiu...

• • •

A dança havia terminado. Os seus amigos voltavam, suarentos, offegantes. Elles se sentaram, em tumulto.

— Meu caro, tens razão em te esquivares. Não é uma bôa pro fissão a de dançar — disseram-lhe.

Durante a noite toda elle sen tiu aquelle olhar obstinado, que passava pelos outros e voltava a fixal-o. Indignado, elle se levan tou e foi ter com o cavalheiro que o olhava, decidido a lhe pedir uma explicação. O outro havia imitado a sua manobra, e acercou-se delle:

— Senhor, queira perdoar-me o modo por que me conduzi, em re lação ao sr... Devo-lhe esta ex plicação...

E como o joven permanesse ca lado, surpreso, elle lhe estendeu o seu cartão: "Mauricio Rialles, director de scena". Depois, mos trou-lhe a mesa onde o seu com panheiro o esperava, e propoz:

— Quer dar-me a honra de uma entrevista?

Assim que se installaram, elle perguntou á queima-roupa:

— Que diria, si eu o convidasse para trabalhar em cinema? Estou á procura de um "jeune premier" para um film dramatico. Ao vel-o, pensei, subitamente: "Eis o cava lheiro que procuro..."

Quer vir fazer um ligeiro en saio? Discutiremos depois as pro habilidades e condições...

DOMINIQUE PEYRAL

ILLUSTRAÇÕES: PAULO WERNECK

O joven se voltou e chamou a esposa com um signal. Feita a apresentação, elle lhe repetiu a proposta de Rialley.

Por toda resposta, ella perguntou num tom garoto:

— O sr. não tem nada para mim?

O director de scena fixou-a. Disse a seguir:

— Tenho um emprego. Mas não ousaria offerecer-lh'o...

— Por que?

— E' um papel de uma rapariga feia e pobre. E não conviria á sua radiosa mocidade...

— Não faz mal. Gostaria de experimental-o, disse ella, resolutamente, decidida a não deixar o seu marido sozinho, no cinema.

Pouco depois, elles se separavam, encantados uns dos outros.

* * *

Os ensaios foram julgados promissores, e o joven casal resolveu abandonar a "situação futura" pelas miragens do *studio*.

Começaram a trabalhar, com uma consciencia acima de qualquer elogio. Divertiam-se como creanças com esse novo ambiente, e Mauricio Rialles estava encantado com os seus dois neophytos. "Elle é soberbo, e ella é uma natureza"...

Um successo em perspectiva.

* * *

Depois de seis mezes de esforço, o film foi terminado. Na vespera da apresentação official, o realizador reuniu no *studio* uma assistencia numerosa, para lhe fazer as honras da nova producção.

Estreitados um contra o outro, na meia penumbra, os dois artistas contemplavam o trabalho.

Uma cidade de Nice. Um parque sumptuoso. Um bello joven, detalhado como uma estatua antiga. Um primeiro plano põe em relevo as linhas nobres e harmoniosas, os olhos doces como uma caricia...

Ella se abraçou ao seu esposo, e, num beijo longo, murmurou apaixonadamente: "Meu querido, tu és bello!"

A scena muda. Um hotel, um corredor immundo; num canto onde ha uma banqueta, vê-se uma roupa branca, usada; ha tambem uma infeliz creatura, que traz um vestido rasgado.

Elle ri. "Não suppuz que fizessemos tanto successo."

O riso morreu nos seus labios...

Um rosto surgia da sombra, um rosto atormentado, um rosto cuja fealdade brutal se espelhava na tela...

Ella estremeceu...

Era ella, aquella doce e formosa creatura, irremediavelmente feia. Ella nunca se vira com aquella clareza horrivel. O joven reappareceu, e o contraste lhe fez um grande mal...

Pela primeira vez, desde que ella o amava, mediu toda a extensão da sua dissemilhança.

Pareceu-lhe que era verdadeiramente ella que soffria, que estava abandonada por elle...

E estremeceu... Fez-se gelada. Pareceu-lhe que o abraço que havia pouco elle lhe déra se desfazia no mesmo instante...

Ella teve desejos de chorar, como uma creança...

E quasi gritou ao seu esposo:

— Vem! Partamos...

Mas a joven teve medo que elle adivinhasse a sua grande emoção. Que elle comprehendesse tudo.

E, durante um tempo interminavel, ella soffreu o seu grande martyrio... Assistiu á crucificação daquella *outra*, ella que vibrava para estar unida a elle.

Depois, foi a partida do joven deus... A morte tragica do pobre trapo humano.

Emfim, a luz brilhou de nove na sala de projecções. Alguem se precipitou: "Que scena empolgante!"

Ella balbuciou um agradecimento inintelligivel.

O seu olhar inquieto fugia ao do seu esposo...

Teve um receio atroz de voltar a ver ali o desprezo, com que o heroe, havia pouco, a fizera soffrer... Receou achar-se deante delle, despojada de illusões, com que elle a havia embalado e do amor que fazia a sua unica riqueza, no meio daquella dolorosa realidade...

PHILIPPE-AUGUSTO

POR CLAUDE GEVEL

NÃO ha mais pacifico, mais escrupuloso negociante em sêdas que o senhor Picherim Amedée.

Tem uma barbicha grisalha em ponta, um craneo luzidio e um ventre arredondado. Inspira confiança e merecida. Quando elle nos garante, com voz profunda, passando voluptuosamente a mão sobre a fazenda desenrolada, cuja peça aperta amorosamente, entre o braço e o peito, que é "pura sêda", sentimos, no simples tom de voz, na expressão do olhar, que podemos ter confiança e que nos quentes reflexos, o algodão mercerizado não importa. Fez fortuna e com justiça.

No emtanto, a honestidade do senhor Picherin, como a de muitos homens, tem o seu pequeno arranhão.

Elle não admittiria e sacudiria os homens, pois, para esse homem integro, existem pequenas fraudes que nada têm que vêr com a deshonestidade. Parece, de resto, que é um sentimento disseminado pelos nossos oitenta departamentos. Roubar ao Estado não é roubar. E, naturalmente, é preciso comprehender, pela palavra Estado, todas as administrações de interesse tão geral, que chegam a perder para os mortaes o seu caracter de empresa particular.

Ora, o senhor Picherin Amedée tem pelas suas pequenas fraudes um singular prazer. Viajar em primeira classe com um bilhete de terceira, passar a secção, a que os tickets controlados lhe dão direito, passar pela alfandega, sem declarar, uma garrafa de alcool ou uma caça, cigarros ou rendas, ultrapassar ligeiramente o peso autorizado duma carta para um registro determinado, trazem-lhe emoções deliciosas, dar-lhe-iam antes, porque, as mais das vezes, o senhor Picherin Amedée se limita a velleidades fraudulentas, pois é de natureza pusillanime. Premedita a infracção, vae, por assim dizer, até o fim, experimenta o gozo de sentir o coração bater mais agitado e, geralmente, precipita-se para descer no "fim da secção" ou, no momento de passar perto da alfandega temida, guina para o escriptorio de declarações.

A unica esperteza que elle põe em pratica, de bôa vontade, é tomar no "Metro" logares de primeira com bilhetes de segunda. Audacia sem grande risco. Si o fiscal apparece, paga a differença com ar distrahido.

Audacia deliciosa, em todo caso; a cada estação é a pequena emoção que se renova, de vêr apparecer o homem da saccola. Si já está no compartimento, é o prazer de se esgueirar por um canto escondido e lêr o jornal com affectada attenção, na esperança de que lhe não venha perturbar aquella leitura apaixonada. Si elle entra, é a incerteza de saber, si chegará, desconfiado e autoritario, até elle, antes da proxima estação onde o senhor Picherin Amedée desce, ainda que nada tenha a fazer alli, triumphante...

Mas, nesse dia, foi o diabo, sem duvida, que o tentou. O fiscal appareceu, quando, sobre o banco, o senhor Picherin viu um bilhete rosa, picotado com um só furo. Elle tirou o chapéo como si estivesse com muito calor, pousou-o sobre a almofada de couro e retirou a mão com o bilhete dentro, ainda por utilizar. Aproximando-se o empregado, o senhor Picherin Amedée fingiu procurar nos bolsos do casaco, depois do collete, emfim, representando a pequena comedia supplementar, entregou altivamente o producto de seu furto. Tornou a recebel-o, para um segundo furo parallelo ao primeiro e metteu-o de novo no bolso, donde elle considerava tel-o tirado. Estava louco de contentamento, o bravo senhor Picherin, passou um dia admiravel. Pois não ha nada de mais embriagador para um homem honesto, timorato, que pregar uma mentirinha que vingou, que commetter um furtosinho que passou despercebido.

O mal é que tinha de conservar intacta uma reputação aos olhos dos seus, e que elle esqueceu propositalmente de contar á esposa, á noite, o seu grande feito da tarde...

No dia seguinte, ao almoço, como de costume e guloso como era, poz-se á mesa de bom humor, quando se lhe deparou uma senhora Picherin, de olhar negro, bocca cerrada e sobre a toalha, cabeças de alho, compota de rhuibarbo, comidas que elle detestava. Resumiu o seu espanto numa pergunta que tinha vistas, ao mesmo tempo, á physionomia da senhora Picherin e ao cardapio do almoço.

— Estás doente?

Estas tres palavras foram bastantes para fazer desencadear a tempestade imminente: ficou sabendo de repente que era o mais infame dos homens, o mais trahidor dos maridos e que se haviam acabado os almocinhos cuidados e que uma nova existencia ia começar.

Suffocado de espanto, elle apenas poude, quando lhe foi possivel articular uma palavra, dizer, suffocado: — "Mas que idiota!..." — o que serviu para augmentar a tempestade.

— Não ha mais idiotas! Estou farta de ser tua victima!

A senhora Picherin levantou-se, sem se interromper para isso:

— Olha! Teu [illegible]

Num gesto resoluto, jogou ao chão um vaso da China, que o seu marido defendia por causa do preço que um amigo conhecedor avaliára em muito; depois, ao sahir da porta, lançou estas palavras:

— E si não estás satisfeito, pódes ir te queixar a Philippe-Augusto!

Sahiu em seguida, com grande ruido.

O senhor Picherin ficou com os braços cahidos, estupefacto, perguntando, de si para si, que crime teria commettido. Sobretudo, perguntando o que tinha, com tudo isso, Philippe-Augusto. Estava pensativo deante do seu rhuibarbo e seus alhos, quando a porta tornou a abrir-se.

A senhora Picherin reappareceu, e lançando sobre a mesa um pequenino cartão rosa, gritou:

— De outra vez, quando fôres fazer as tuas pandegas, evita deixar a prova dentro do bolso do collete.

Depois do que, se deixou cahir numa cadeira em soluços.

Então o senhor Picherin comprehendeu a razão da scena, das supposições da esposa, do destroço do "pastiche" e do jantar no restaurante que ia promettar á mulher para consolal-a, como sempre que havia entre elles uma rusga: o ticket do "metro" que elle apanhou para não pagar o supplemento, trazia inscripto o nome da estação Philippe-Augusto, onde havia saltado.

PURIFICANDO A CUTIS

o POLLAH

Crême da American Beauty Academy

torna a pelle clara, natural, transparente Elimina as imperfeições, evita e desfaz as rugas, alimenta e fortifica os tecidos do rosto.

Remetta-nos este coupon juntamente com 8$000 que lhe enviaremos um pote de Pollah, pelo correio. Srs. Representantes da American Beauty Academy — Rua Riachuelo, 114 — Rio de Janeiro. Junto envio a importancia de 8$000 para me ser remettido um pote de Crême Pollah.

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

EM TODAS AS PHARMACIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
TELEPHONE 8 — 3957

DIARIAS DESDE 15$000

Os ratos de trem

O cáes numero 2 está cheio de viajantes do Oriente-Express e numerosos amigos que vieram abraçal-os ou cumprimental-os antes da partida. Mas o ruído da conversação amortece bruscamente. Numa cadeira de bordo, forrada de luxuosas pelles, dois robustos enfermeiros transportam um homem muito velho. O astrakan do barrete e da ampla golla torna ainda mais cadaverica a pallidez de seu rosto. Tres pontos luminosos, todavia, illuminam aquella massa sombria: dois olhos que brilham de febre e a roseta da Legião de Honra. Um criado grave, tão velho quanto o patrão, prodigaliza cuidados ao doente e recommendações aos carregadores. Alguns homens tiram o chapéo quando passa a padiola. Uma mulher nova faz o signal da cruz.

• • •

O comboio rola agora a toda a pressa. O criado fechou a porta do vagão-leito, mas constantes accessos de tosse dominam o surdo murmúrio do trem e o tumulto das rodas. No corredor, uma joven americana queima cigarros sobre cigarros, fazendo mais fumaça do que a locomotiva. O "official" do carro-restaurante, mais impertigado no seu uniforme que um tenente viennense no tempo em que a Austria tinha uma guarda imperial, pergunta-lhe, inclinando-se até em baixo, si deve servir-lhe o chá!

— Não; um "cocktail"; mas queria, sobretudo, saber quem era esse velho senhor, meu vizinho de cabine?

— Oh! Alguém excepcionalmente bem.

O empregado de Cook mostrou-me a sua ficha: barão Alexandre Zapateros, um armador grego, que possuiria tres portos na Asia Menor... Não os possuirá por muito tempo, aliás, o infeliz...

— Velho soberbo! E que nobre figura! Queria tanto conhecel-o, porque procuro sempre ter contacto com as grandes personalidades européas.

O criado abria justamente a cabine; e, emquanto fechava a porta com mil precauções, uma voz sumida murmurava do interior:

— Volte depressa, sim, meu caro Felix?

A americana pede ardentemente a Felix que não hesite em dispôr della, mesmo á noite, si o doente peorasse.

Ella havia sido enfermeira em França, durante a grande guerra.

— A senhora é extremamente amavel, mas eu sou medico.

— Não?

— Sim. A fortuna do barão permitte-lhe trazer um scientista inteiramente ás ordens de sua pessoa. De resto, eu também tenho a minha condecoração, mas o barão prefere que eu a não traga ao seu serviço.

— Oh! desculpe-me; já que o senhor é também uma personalidade, devo apresentar-me: miss Adam J. K. Jefferson.

— Lubrificantes para motores agricolas?

— Oh, conhece-me, então?

— Penso que sim; só emprego os seus oleos na importante empresa rural que possuo no Sul.

— Ah! Estou radiante de o saber. Então estamos entendidos, doutor, si tiver necessidade de mim... toque, toque, e acudo.

* * *

O trem rola pela noite, com todas as luzes apagadas. Um accesso de tosse mais prolongado, mais triste ainda que os precedentes. Batem á porta de miss Jefferson.

— Posso pedir-lhe o obséquio de tomar conta do meu doente, emquanto lhe preparo uma injecção de urgência?

Dois minutos após, a americana saltou da cabine, jogando um manto por sobre o pyjama.

— Eis-me aqui, prompta a assumir a minha guarda.

— Si me dá licença, para não impressionar o doente com os preparativos da injecção, fal-os-ei em sua cabine.

— Pois não! Faça obséquio, doutor.

* * *

Ha vinte minutos que miss Jefferson está fechada com o barão. O medico não volta. Ella levanta-se cautelosamente para sahir, mas uma voz estrangulada a chama:

— Pelo amor de Deus, não me deixe só!

Ella tornou a sentar-se. Ao cabo de um quarto de hora, ella lança-se pela cabine a dentro. O doutor não está. Miss Jefferson, grande conhecedora do cinema, comprehendeu logo.

— Minha maleta — grita ella — minha maleta de joias! Não está, tambem!

Ouvindo-lhe os gritos, o barão arranca do leito de dôr e, arrastando-se até á cabine vizinha, murmura num ultimo esforço:

— Não posso correr, como vê, mas a senhora corra ao vagão-restaurante. Acorde o pessoal e faça varejar todo o trem.

Ella galopa pelos corredores, trazendo atraz de si uma penca de empregados, que, por sua vez, galopam em chinellas e calças de malha.

O "official", o primeiro que tomou folego e sangue frio, propoz puxar a campainha de alarme.

— Pobre imbecil — vociferou a americana — Felix saltára do trem a vinte kilometros daqui e o barão a dez.

— Materialmente impossivel!

— Como não? Isso acontece todos os dias na America. O senhor não imagina como esses profissionaes são matreiros, verdadeiros acrobatas em exercicio desde a mais tenra idade.

— Pura fantasmagoria! Como quer que esses dois velhos?...

* * *

O inquérito immediato e minucioso da policia não deu resultado algum. Miss Jefferson não se deu por vencida, e mandou vir de Chicago seus detectives or-

OS RATOS DE TREM

(*Conclusão*)

dinarios. Não foram mais felizes. Mas uma circumstancia suprema quiz que, no momento de voltar a Paris, um delles, subindo com toda a furia num auto, tivesse uma entorce. Inculcaram-lhe um curandeiro que morava a alguns passos da pequena aldeia, no fundo do bosque.

Chegando perto da choupana, os detectives avistaram dois rapazes novos, estendidos sobre a herva, expondo ao sol os peitos e braços nús.

Um tinha a cabeça bandeada e o outro a perna em talas.

— E' o senhor, o veterinario — disseram os detectives, apertando fortemente a mão ao enorme atrevido, completamente em pelo, ... sahia da cabana; é o senhor que cuida destes animaes?

— Que tem o senhor com isso?!

— Dupla infracção da lei! Exercicio illegal da medicina e encobrimento de furto. Em todo caso, não o incommodaremos, si deixar levarmos os seus clientes no nosso auto, para os conduzir á delegacia do districto. E, sobretudo, não esqueça a maleta, barão Zapateros!

* * *

Os policiaes americanos acertaram realmente, quando provaram, em seguida, que os dois "ratos" de trem eram actores de cinema mudo, especialistas de composição e no momento sem emprego, que haviam posto em acção o principal episodio do film que lhes valera o unico successo da carreira.

O ex-barão tinha dezenove annos e o ex-doutor dezesete.

---

d

EU sinto a volupia dos nomes. Dos nomes curtos, simples e raros. Que suggerem coisas bellas. Que são como certas flores pequeninas, cujo perfume se sente á distancia, e que nos lembra de já o termos sentido... Porém, não sabemos onde nem quando.

Hulda. E' o nome bonito e raro de uma mulher paradoxal, saturada de modernidade. Que ironiza todas as palavras...

Hulda... Eu fico pensando, no silencio do meu quarto apinhado de livros, numa noite hawaiana, linda como um sorriso de mulher amada, e tristonha como um gesto de abandono.

* * *

Eu penso, como Pitigrilli, que "a infelicidade e a felicidade poderiam dividir-se em capitulos, porque se alternam em serie, como a sorte e a falta de sorte no jogo: a infelicidade nada mais é do que uma successão ininterrupta de incidentes desagradaveis"

* * *

Hulda está sendo um capitulo rapido da minha existencia... Rapido, mas interessante.

Sempre julguei as mulheres essencialmente frivolas. Dava-lhes uma importancia relativa. Collocava-as no plano dos divertimentos; quando eu olhava o programma dos cinemas e theatros e nenhum delles me interessava, procurava então uma das minhas namoradas. Sempre foi assim.

Agora, porém, prende-me a attenção essa bonequinha que, parece, saltou de um livro de Costallat. Que saltou do livro ou para o livro. E' a mesma coisa. Porque Hulda é uma "gurya" futil e sentimental. Um dualismo de anjo e demonio. Como tantas outras...

* * *

Ella é cercada constantemente por uma legião de admiradores, que se apresentavam prestigiados por automoveis caros e reluzentes. E lhe mandam flores. Bonbons. E têm sorrisos de baunilha para ella.

Eu, não. Passo pela rua onde ella mora, no automovel do namorado da irmã. Que é bonitinha como ella. Mas que não tem nem olhar, nem o nome como o della.

Eu leio nos seus olhos cocainados que ella gostaria de falar comigo. Porque sabe que eu sou frio, calculista. Que tenho um controle para dominar minhas emoções... Porque o desejo de Hulda é me "descontrolar". Fazer de mim um boneco grotesco, risivel como os outros seus admiradores melosos...

Porque é mulher...

Evito-a. Porque assim, no silencio do meu quarto apinhado de livros, eu poderei continuar a sonhar com uma noite hawaiana, linda como um sorriso de mulher amada, e tristonha como um olhar cocainado...

Brenno Silveira

URZE SYLVESTRE (Capital) — Pergunta qual o juizo que faço de sua pessôa? Oh! Mas isso, como vê, não é possivel. Si eu não tenho a honra de conhecel-a pessoalmente... Em todo caso, como declara que me vae telephonar, é provavel que, ao menos, possa dizer a minha impressão sobre a sua voz.

Por ora, só tenho um livro publicado: "O Suave enlevo", 3.ª edição, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166. Preço — 4$000. O outro é "Uma garçonne carioca", novella, a apparecer brevemente.

GAROTINHA (S. Paulo) — Oh! V. ex. é captivante de gentileza. Recebi o album e os doces. Estes estavam excellentes. E nem podiam deixar de o ser, uma vez que foram feitos pelas suas mãositas. O album, pouco a pouco, vae recolhendo nomes de poetas e escriptores.

Quanto á sua photo, devo dizer que é linda. Mas, ainda desta vez, ella não me dá uma idéa perfeita do original: está muito apagada.

Sem duvida, vae remetter-me a outra, mais nitida, que me prometteu. Quanto ao resto, não é possivel nesta secção publica. Só particularmente. Mas a verdade é que não sei o seu endereço.

NELTHOPER (E. do Rio) — Hum! O sr. é mesmo uma raridade. Apezar de esta secção não ser um museu, destinado á exposição de "coisas preciosas", em materia de literatice, dou aqui a sua missiva, na integra. Eil-a:

"Yves. — Leitor assiduo de "Fon-Fon", e muito especialmente da secção "Saibam Todos", vejo atravez de tuas respostas, o espirito ironico, e conselheiro as vezes, que tens.

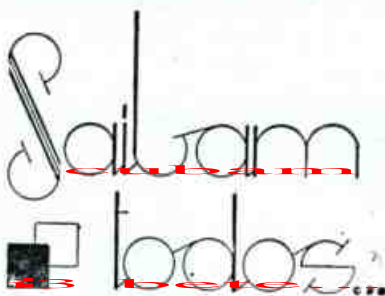
Assim, como á tantos tens estimulado com um conselho e desilludido á outros tantos com uma pilheria, sou animado a enviar-te o soneto incluso, esperando vêl-o publicado, ou então... saber que foi para a cesta, por resposta tua.

Mas, Yves, sendo o primeiro e estando nelle toda minh'alma, espero que sejas complascente, corrigindo-o e estampando-o no "Fon-Fon".

Se, porém, de tudo fôr impossivel, espero que me ensines como devo proceder, indicando-me um bom tratado de versificação, pois força de vontade que é o factor principal, não me falta.

Creme que has-de responder-me pelo proximo N.º, sou teu admirador e amigo.

Campos, 20-9-930. — Nelthoper".

Deante dessa amostra do seu *talento*, bem podia dispensar-me

de publicar o seu soneto. Mas elle deve apparecer no "Saibam todos..." como uma curiosidade, do mesmo typo da sua missiva. Vamos a elle:

"SONHANDO"

(A' MEIGA F. M. S.)

Te vi em sonho, qual uma princeza,
Daquellas lindas, dos contos de fada.
Sorrias pr'a mim com meiga sin-
[ceieza,
Indicando-me a fronte aureolada

Por flôres brancas. Eras a pureza
Em forma de noiva representada.
Tu irradiavas tanta belleza,
Que minh'alma ficou extasiada.

Estendendo-me as mãos, tu me di-
[zias:
"Yves, querido, vês? tantas alegrias...
E' tudo tão lindo... é tudo encanto"...

Illusões apenas, doces chimeras...
Só em sonho, sou amado devéras,
Quando em realidade... eu amo tanto.

NELTHOPER

Meu caro. O conselho que lhe posso dar, — sem ser, como o sr., um illustre Conselheiro Accacio, é induzil-o a tomar um professor de portuguez, antes de indicar-lhe um tratado de versificação.

Fazer verso não é nada difficil. Segundo os poetas modernistas basta alinhar palavras, mais ou menos bombasticas, para se obter um poema. O difficil é saber escrever os taes versos, sem conhecer umas certas regrinhas grammaticaes.

Vamos! Aprenda, primeiramente, as lições de grammatica...

MARIA CLAUDIA (S. Paulo) — Agradeço-lhe, penhorado, o formoso livro que me enviou. Sem querer, v. ex. fez uma pequena ironia. Recebi o seu volume no dia 3 de outubro. Elle tem este titulo, em hespanhol: *Hambre* (Fome).

Fome? Não seria uma allusão á vida de um pobre homem, que vive de sua penna, — numa situação anormal?

Quanto ao resto, não é possivel entrar em minucias, nesta pagina de toda gente. Mas, si v. ex. se recordar daquella maneira estranha de cumprir uma palavra de honra, que se dá — de honra, veja bem! — ha de concordar que é justa a indifferença de certas pessôas á admiração que, como um incenso, se derrama aos seus pés...

Uma dama, que se fez nobre, por motivo de razões civis, não tem direito de agir como qualquer burgueza, como qualquer plebéa...

LAURA (Capital) — Aqui está a sua carta "gris-perle", na qual v. ex. me envia um agradecimento (não ha de que) e me adverte, não sei si por brincadeira: "Vejamos si você se vae esquecer de mim..."

Esquecemos alguma coisa ou uma pessôa a quem nos liga um interesse qualquer de coração. Mas para isso é necessario conhecer mos essa pessôa. Eis o que é logico.

No caso, porém, não é possivel esquecel-a nem lembral-a — visto como não tenho a grande ventura de conhecel-a...

CANDIDA VIOLETA (Santos) — Já não me recordo mais da sua illustre pessôa. A que carta é que se refere?

Acaso será v. ex. aquella jovem que me enviou uma photographia, tirada em um aeroplano, na cidade de Santos? Si é, — o que lhe affirmo é tel-a achado bonita.

Do resto, não me recordo.

Motivo por que, só depois de tudo esclarecido, é que me posso servir do endereço que me envia para uma resposta confidencial, creio eu.

Si estou enganado, queira remetter-me uma photographia sua e, certamente, logo atinarei com as allusões que faz na sua missiva, sob o entono de uma responsabilidade que me amedronta, uma vez que ignoro a sua razão de ser.

EDNA (Capital) — A sua litteratura é genuinamente escolar. Quero dizer, é composição de menina de escola, e menina de escola de um seculo atraz.

Não, D. Edna. Aqui, ha, na verdade, muito muito bôa vontade para com os nossos collaboradores. Mas isso quando não são lamentavelmente infantis...

Basta dizer que v. ex. começa deste modo:

ENCANTAMENTO...

A lua estava branca, muito branca... Parecia uma virgem envolta nos niveos véos do seu noivado.

Por entre a folhagem fresca e viçosa das copadas arvores, seus raios luminosos se infiltravam pelos seus ramos, vindo projectar-se na superficie do lago.

Ao derredor, não se percebia outro ruido, a não ser o tremular tremente das folhas, e o pipio es-

paçado de um pequenino passaro, que dormitava.

Contemplando todas essas maravilhas da Natureza, eu comprehendi então porque é Bello o Amor, porque nos sentimos arrebatados, extasiados pela Vida! e sorri...

Os mestres de psychologia e physiologia têm razão quando declaram que a emotividade na mulher possue uma gradação que vae, quasi simultaneamente, da serenidade ao tragico, e vice-versa. De resto, ella é incoherente: ri quando deve chorar, e chora quando deve rir, ás bandeiras despregadas.

E' o seu caso. V. ex. declara que, ao ver a natureza, comprehendeu a razão por que o Amor (com *A* maiusculo) era Bello (com *B* do tamanho de um bonde).

E sorriu...

Mas por que sorriu? Por causa do "Amor Bello", ou porque se sentiu maravilhada com a sua obra?

Si foi por isso, declaro que v. ex. sorriu por um motivo que só me faria chorar...

COCCINELLE (França) — Ah! está! Esse postal de *Coccinelle* é uma lembrança desconcertante. A'guem — creio que uma bella franceza — que esteve no Rio, partiu para Paris. Dahi me envia um postal, que representa a egreja de Notre Dame, com as suas rendas de pedra, os seus florões e a sua rosacea. A' margem, essa creatura amavel escreveu:

"Monsieur Yves — Recevez de notre si jolie capitale un souvenir de

Coccinelle".

Muito bem. Até ahi tudo se explica do melhor modo. O que acho difficil de explicar é essa *Coccinelle*. Quem será ella? Será joven? Será velha? Será feia ou bonita?

O caso tem outro aspecto: é o pseudonymo dessa amavel missivista. *Coccinelle* é um insecto, conhecido como besouro do matto, entre nós, e "bête a bon Dieu", lá na França. Em sua defesa, elle expelle uma exsudação acre, que se nos infiltra nos dedos, e é difficil de supportar. Em summa

SAIBAM TODOS...

(*Concluedo*)

a tal *coccinelle*, nome do genero desses coleópteros, é um animalzinho indesejavel.

Como se comprehende, pois, que uma creatura gentil, naturalmente uma parisiense moça e bonita, tivesse tido a estravagancia de se chrismar com um pseudonymo tão pouco attrahente?

Emfim, pode ser que essa *Coccinelle* expilla arômas, ou essencias de caron, em sua defesa — como aquella musa de Oswaldo Santiago que tossia perfumes...

DULCE AMARA (S. Paulo) — Todos os seus trabalhos já foram publicados. Inclusive "Film silencioso".

Aos nossos leitores. — *Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.*

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.° — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.° — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3.° — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.° — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 25 - 10 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

NELSON (Pernambuco) — Oh, muito obrigado. A sua carta é uma prova de que ainda ha alguma coisa que se salva no mundo.

Dou aqui a sua missiva na integra:

"Recife, 26 de Setembro de 1930. — Caro Yves. — Saudações. — Em primeiro logar tenho a agradecer-lhe a publicação do meu conto — "A virtuosa Margarida". Longe de mim insultal-o nem dizer coisas terriveis do distincto conterraneo. Assim podem proceder os infames que, fracassando uma vez, não se lançam a nova aventura. Eu envio meus trabalhos e espero a critica do bom conterraneo. Sei que se algum delles estiver digno de publicação eu o verei nas paginas de *Fon-Fon*.

Em caso contrario, cesta nelles. Porque não é possivel que pelo facto de ser v. meu conterraneo me dê talento e cultura. Isso são dons. Não se adquirem. Assim como v. publicou meu conto, porque o mesmo naturalmente estava digno disto, publicará mais um, dois, tres, dez ou cem e jogará á cesta os que não prestarem. Agora porque um saiu e outro não poude sair eu tenho o direito de me insurgir contra o conterraneo? Não! Nunca! Eu não sou o.... — o bazar da imbecilidade pernambucana, brasileira, ou melhor.... universal.... Nunca vi um camarada tão idiota! Vae agora outro. Sei perfeitamente que se este que vae agora — "Conchita" estiver bom eu o verei publicado. Em caso contrario.... mandarei outro. E assim por deante.

Terminando, creia-me sempre um conterraneo leal e agradecido e não pense nunca em ser atacado por mim. Você é, para mim, ou por outra, para todos os jovens que se dedicam ás letras, os principiantes, um mestre. Portanto, curvemo-nos á vontade sua.

Adeus, disponha sempre, no Recife, do conterraneo sincero. — Nelson".

O seu conto *Conchita* foi entregue ao secretario. Como não tive tempo de lel-o, recommendei-o ao mesmo, pedindo-lhe fazer justiça, como é nosso costume, ao seu autor.

Yves

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 43

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1930

BALZAC E OS MINISTROS

Os homens da politica geralmente são ignorantes e dahi a pretensão que affectam vis-a-vis dos simples mortaes, cuidando que os cargos que exercem, as posições que occupam e a adulação que os cerca os tornam superiores. Para elles, os que pensam, os que escrevem, os que créam são uns pobres diabos a quem se atiram algumas migalhas quando os elogiam, mas que não têm a menor importancia social. Poetas, prosadores, philosophos, podem ser genios, elles mal lhes concedem um olhar de sympathia ou um gesto de protecção. Tanto assim que um mediocre como Luiz XIV se julgava superior a Corneille e a La Fontaine, e cuidava honrar Racine convidando-o para sua mesa, quando a posteridade verifica que o contrario é que é verdade. E, de certo, todos os nossos ministros da Viação, na Republica, viveram e morreram convencidos de que estavam em tudo e por tudo muito acima de Machado de Assis, simples funccionario do seu ministerio. O curioso é que Machado de Assis já tem estatua e as desses ministros ainda não foram fundidas...

Disse um grande escriptor que, no seculo XIX, os olhares se fixavam mais nas cabeças que pensam do que nas cabeças que reinam. Cada passo que a humanidade dá a aproxima dessa meta. E os olhares da posteridade, esses, em todos os tempos, se fixaram assim.

Os politicos invejam os homens de pensamento. Os politicos em geral. E' preciso exceptuar os politicos capazes de pensamento e de creação. São raros, mas existem. Invejam-nos, porque sabem que os livros viverão no futuro, viverão seculos mesmo depois que se tiver apagado a rapida, fugaz memoria do seu pobre nome. Dahi quererem ser literatos, buscarem as glorias literarias e tratarem com estudado pouco caso os homens de letras. De maneira que o juizo emittido por um politicão sobre a obra ou a individualidade dum romancista ou dum poeta é a cousa mais ridicula deste mundo.

Entre os genios literarios, Balzac teve a dita de ser julgado por dois ministros e esses julgamentos farão rir a um frade de pedra. "Balzac — disse Victor Hugo no discurso com que delle se despediu á borda do tumulo — era um dos primeiros entre os maiores e um dos mais elevados entre os melhores... Todos os seus livros formam um só livro, livro vivo, luminoso, profundo, em que se vê ir e vir, caminhar, mover-se, com um não sei que de assombro mesclado á realidade, toda a nossa civilização contemporanea; livro maravilhoso que o poeta intitulou comedia e que poderia intitular historia, que toma todas as formas e todos os estylos, que supera Tacito e vae até Suetonio, que atravessa Beaumarchais e vae até Rabelais; livro que é observação e imaginação; que prodigaliza o verdadeiro, o intimo, o burguez, o trivial, o material, e que, por momentos, através de todas as realidades, bruscamente e largamente desvendadas, deixa entrever de repente o mais sombrio e o mais tragico ideal."

No entanto desse homem que o genio de Hugo classificava um dos primeiros entre os maiores, o ministro do interior da França, cujo nome não vem ao caso e que para sempre se apagou, emquanto o de Balzac para sempre ha de brilhar, fez ao mesmo Hugo, então presidente da Academia Franceza, que acompanhava compungido o feretro de seu amigo, esta pergunta perfeitamente imbecil e digna dum ministro:

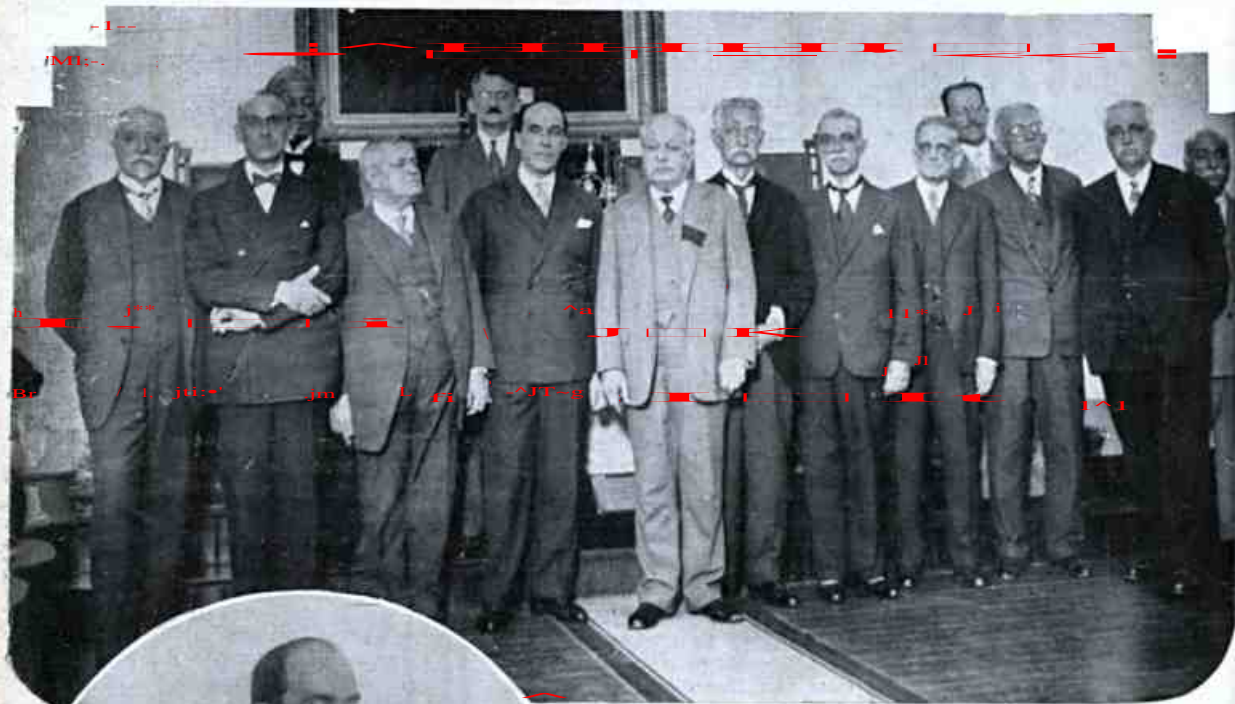
— "N'est-ce pas, monsieur Victor Hugo, que monsieur de Balzac était un homme très distingué?"

E o futuro proscripto de Jersey deu-lhe esta resposta esmagadora:

— "Non, monsieur le ministre, c'était un genie!"

Isto foi em 1850, na tarde triste do dia 20 de agosto. Meio seculo decorreu e, na noite solemne de sua posse na Academia Brasileira, eleito por obra e graça da covardia academica ante o estado de sitio bernardesco, o ministro João Luis Alves pronunciou de publico a maior tolice que alguem até hoje disse sobre a obra de Balzac. Essa comedia que podia ser historia, no dizer de Hugo, maravilhosa, luminosa, viva, profunda, real, ideal, com todas as formas e todos os estylos, superior a Tacito e a Suetonio; essa formidavel Comedia Humana, laivada de luz, salpintada de sangue, resoante de gemidos e de brados, paizagem de almas em convulsões e de corações mergulhados na dôr da vida, foi classificada pelo ministro João Luiz Alves, em plena Academia Brasileira, entre decotes e fardões, flores e dragonas, na presença do chefe do Estado e dos altos representantes da sociedade carioca, como desopilante... Ainda hoje, e já se vae bem mais dum lustro, rio como um maluco dessa pilheria...

Pobre Balzac! O julgamento dos ministros de Estado a seu respeito é bem um symbolo de como cultivam as letras.

JOÃO DO NORTE

O dr. Sylvio Rangel de Castro, illustre diplomata patricio, que, recentemente, publicou um magnifico livro sobre o nosso paiz — «Quelques aspects de la civilisation brésilienne» — prefaciado pelo grande escriptor Gabriel Hanotaux, foi, ha pouco, eleito socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em homenagem aos seus altos meritos de intellectual devotado ao estudo das nossas coisas. Sabbado ultimo, realizou-se a solennidade da recepção do novo membro daquelle instituto scientifico, tendo occupado a mesa da presidencia o sr. conde de Affonso Celso. Saudou o recipiendario o orador perpetuo do Instituto Historico, barão de Ramiz Galvão, que enalteceu as qualidades do dr. Sylvio Rangel de Castro, salientando o cunho patriotico da sua obra de expressiva propaganda do Brasil no estrangeiro. O dr. Sylvio Rangel de Castro proferiu tambem uma bella oração elogiando os serviços com que o Instituto Historico tem contribuido para a formação do patrimonio cultural da nacionalidade e agradecendo a homenagem que ali recebia de maneira tão commovedora. As photographias que aqui publicamos fixam dois detalhes da recepção do dr. Sylvio Rangel de Castro no Instituto Historico, vendo-se no medalhão o diplomata brasileiro quando proferia o seu discurso.

Realizou-se no ultimo sabbado, na Academia Nacional de Medicina, a cerimonia da entrega do premio S. Lucas ao pharmaceutico Jayme P. Gomes da Cruz, que o conquistou com o seu interessante trabalho intitulado «Cainca», estudo botanico, pharmacognostico e chimico de grande valor. Na gravura acima apparece o laureado da Academia de Medicina quando recebia, das mãos do professor Miguel Couto, presidente daquella instituição, o premio que lhe foi conferido.

O FUTURO DO BRASIL

Bella perspectiva e glorioso futuro se abrem aos brasileiros, si escaparem ao flagello da revolução, que destruiria a felicidade de toda a geração actual, arrastando comsigo a anarchia e a guerra civil, e acabando por dividir o paiz numa multidão de Estados mesquinhos e hostis, que teriam de atravessar seculos de miseria e de sangue derramado, antes que se pudessem reerguer da condição de barbarismo em que seriam mergulhados.

Robert Southey.

A Polonia commemorou, sabbado ultimo, o 10.º anniversario da assignatura do armisticio que a livrou do dominio russo, e a colonia poloneza domiciliada nesta capital reuniu-se fraternalmente para festejar essa grande data de seu paiz, fazendo celebrar uma missa em acção de graças, na matriz de S. José, e levando, após a cerimonia religiosa, cumprimentos ao sr. ministro Grabowski, representante diplomatico da nação amiga junto ao governo brasileiro. As photographias desta pagina foram tomadas na matriz de S. José, após a missa, e na legação da Polonia, durante a recepção dos membros da colonia poloneza.

Pensamentos de Tacito

A adulação é um mal antigo... E' o que diz Tacito, relembrando as tristes baixezas de alguns senadores romanos. A antigo faltou-lhe accrescentar eterno. Porque ella continua a viver no presente como viveu no passado e viverá no futuro. E os proprios que a condemnam sorriem de prazer aos seus elogios habeis.

• • •

Diz-se em voz baixa o que é illicito... Tacito, na sua concisão genial, deixa escapar, ás vezes, desses pequenos commentarios verdadeiramente deliciosos e que mostram quão profundamente elle sabia observar os homens, a paizagem da vida...

• • •

De outras vezes, sua alma, levantando os olhos desses aspectos tristes e desoladores, fita o mysterio azul do céu e elle escreve: Para mim, quanto mais faço perpassar pelo meu espirito factos antigos e modernos, mais me parece que um poder desconhecido brinca com os mortaes e seu destino. Nem outra lição dá ao philosopho a successão dos acontecimentos, as surpresas daquillo a que, religiosamente, Victor Hugo houve por bem denominar — la logique de Dieu.

• • •

Assegura Tacito que o imperador Tiberio contava a morte de Germanicus no numero de suas prosperidades. Infelizmente, a vida foi ordenada de tal maneira e de tal modo feita a alma humana, que a morte de um é, em verdade, salvação ou felicidade para outro. E, si os desejos e votos matassem, haveria mais assassinos á face da terra do que grãos de areia numa praia...

• • •

Uma mulher que sacrificou seu pudor não tem mais nada a recusar. Deixo ás mulheres o cuidado de analysar e commentar esse pensamento do grande historiador romano, quando conta os amores criminosos de Livia e de Sejano.

• • •

O beneficio conserva seu merito emquanto se julga poder pagal-o; mas, quando o reconhecimento não é bastante para isso, transforma-se em odio. Esta maxima foi talhada sob medida para ser applicada aos nossos politicos que querem destruir aquelles que os elevam.

• • •

Perseguir o genio é augmentar sua influencia. A historia da humanidade ahi está para demonstrar a grandeza do pensamento de Tacito.

• • •

A ambição particular sabe tornar em seu proveito as calamidades publicas. Atravessamos uma época em que esta phrase é uma carapuça para alguns politicos sem escrupulos...

• • •

E a duvida, como uma esphinge no caminho de Thebas, se ergue ante os passos do historiador. Então, elle indaga si as coisas humanas são regidas por leis eternas e um destino immutavel, ou si se desenrolam ao acaso.

Carlos Ramos, nome em evidencia no magisterio carioca, professor de inglez da Escola de Commercio Amaro Cavalcante, é, tambem, apreciado literato, já tendo publicado em FON-FON alguns dos seus contos, genero que, de preferencia, cultiva. Ainda ha pouco, o nosso joven e talentoso collaborador deu á publicidade uma obra didactica, interessante e util — «Paradigma de verbos inglezes» — lingua de que é elle competente professor não só naquella escola profissional, mas tambem em varios estabelecimentos de ensino desta capital.

Joven embora, Sebastião Fernandes é um nome que, depressa, conquistou um logar de relevo nas letras do Rio. Tendo obtido treze premios em vários torneios literários, promovidos pela imprensa desta capital, Sebastião Fernandes acaba de publicar um livro de contos, intitulado «Destinos». Plasmadas num estylo simples, mas fluente e elegante, as suas paginas são dessas que prendem a attenção do leitor e o convidam a ir até o fim do volume.

FESTA DA PADROEIRA

Para José Vieira Peixoto

Noite de festa. O pateo da matriz,
cheio de gente, tumultúa.
Barraquinhas de feira,
o povo comprimindo-se na rua
em devoção á santa padroeira...
Dentro da egreja, homens e meninos
rezam a novena.
Resôam hymnos
á Regina Coeli:
— Santa Maria Magdalena...

Hoje, não sei por que,
aquelle
panorama da infancia tão feliz,
minha alma vê
como, outr'ora, no pateo da matriz.

O leilão de prendas:
— "Quanto me dão
pela caixinha de segredo
que offereceram
a Santa Maria Magdalena?"
— "Quanto me dão
pelo lencinho de rendas?"
... E' assim todas as noites de novena...

Outras vezes, o leiloeiro
gritava a prenda original
de um coração-porta-alfinete...

Corria manso o mez de fevereiro.
O céo era estrellado.
Que prenda sensacional!
Adorno ou puro enfeite,
anda commigo, acima e abaixo,
este symbolo magoado...

— "Affrontas faço, mas não acho,
mais achára, mais tomára!
Quanto me dão
por este coração?"
"Toca o bombo,
Solta o foguete..."

.. ..

E o foguete estrugiu;
estrugia a musica do bombo,
ao ser arrematado o coração,
como todo o coração,
porta-alfinete...

Mas a gente depressa o symbolo esquecia.
A festa continuava á porta da matriz.
E impassivel, no céo,
indifferente e fria
(outro symbolo da humanidade)
a lua pallida fulgia...

POVINA CAVALCANTI

ILLVSTRAÇÃO DE PAVLO WERNECK

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Querer um governar todos não é razão para que todos acceitem a servidão.

* * *

Um throno não se partilha.

* * *

Os logares não mudam de aspecto como os homens mudam de feições.

* * *

Ha tempos em que convem fortificar sua alma com exemplos de firmeza.

* * *

Raros e felizes os tempos em que é permittido pensar o que se quer e dizer o que se pensa.

* * *

Os maus combinam-se mais facilmente para fazer a guerra do que para manter a paz.

* * *

A maldade habil triumpha facilmente da virtude modesta.

* * *

O povo ultraja, mortos, com a mesma baixeza, aquelles que adorou vivos.

* * *

Ha quem exerça o poder de rei com a alma dum escravo.

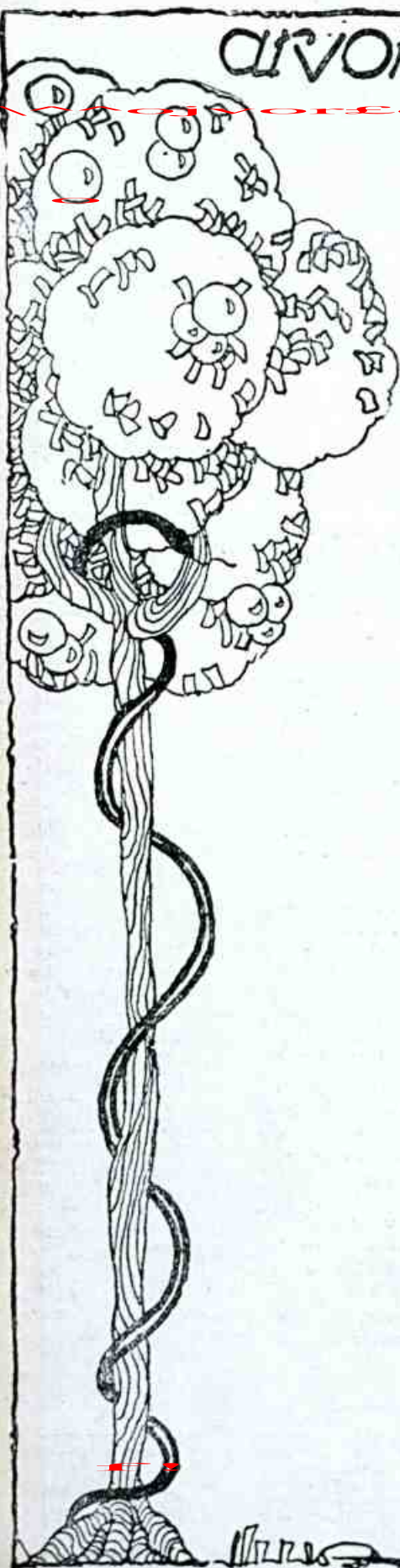
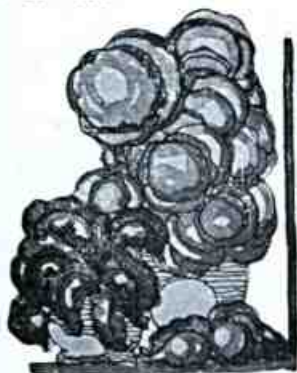
* * *

E' mais discreto e respeitoso crêr nas obras dos deuses do que aprofundal-as.

* * *

Muitos se servem dos ouvidos do povo para ultrajar os poderosos.

(Das obras de Tacito).

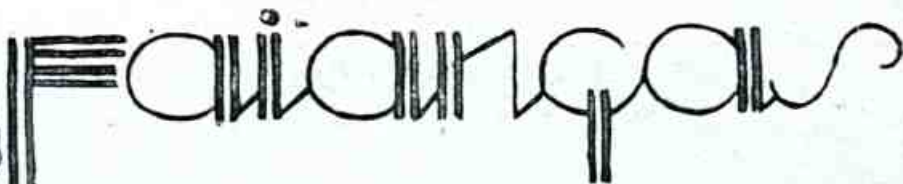
Faianças

Sol e chuva

Acordo hoje com o sol amigo e confortador, que me vem bater á vidraça da janella, como a dizer, risonho e gentil: "Bom dia, caro!" Retribuo, mentalmente, a saudação jovial. Abro a janella, e olho a minha rua alegre de bairro: eil-a vestida de claridades mornas e douradas. Na physionomia dos que passam ha, hoje, neste sabbado claro, de outubro, uma bôa impressão. Uma "bonne mine", como diriam os francezes. Por que essa alegria? Talvez porque, nos tropicos, rodeado dessa verdura florestal, vendo os montes azues brilharem na faiscação da luz, e o céo cheio de um azul muito fino, que até parece liquefazer-se em doçura, nós outros, nós os cariocas, não temos razão para melancolias. Mas, meus senhores, o maior motivo para essa alegria, para esse rejuvenescimento da alma, (toda alma triste envelhece...) é porque hontem a cidade passou o dia envolta em nevoas e neblinas. Direi melhor — garôa.

Ah! A chuva!

Ha horas em que ella cáe dentro da alma como um pranto feito de amargura e saudade: amargura de se vêr perdido um grande bem, um immenso amor; e saudade, que é a ultima reliquia legada por elle ao nosso desconsolo.

Então, essa chuva tem, na sua tristeza, na sua alma de gelo, conforto e balsamos que acalentam, que tornam a vida menos má...

No emtanto, quando se acorda, como eu hoje acordei, com este sol cheio de ouro, a bater á minha janella, acodem-me á memoria os lindos versos das "Canções de Amor" de Ribeiro Couto:

Depois da chuva desabalada
que tarde limpida, de verão!
A' verde sombra de uma latada
venho beber esta exhalação
de folha fresca e terra molhada.

Adeus, meu longo tormento vão!
O dia todo eu andei bem triste.
Agora, tudo é renovação.
O mundo é meu apenas! Existe
para a delicia da minha mão.

No ar perfumado que vem a mim
respiro a vida, completamente!
O' tarde esplendida, ó sol ardente
depois da chuva, no meu jardim!
Sinto-me lyrico, adolescente...

E como a voz do meu coração
rompe na tarde o grito estridente
de uma cigarra, ao sol do verão.

Elisa Coelho, artista cantora, filha da illustre escriptora sra. Acy Coelho, e dona do magico segredo de cantar canções, as nossas canções tão cheias do ingenuo lyrismo que é a caracteristica da raça brasileira. Voz rica de sonoridade e de côr, ella sabe dar um relevo personalissimo aos poemas, ás trovas, ás estrophes musicadas que gorgeiam nos seus labios frescos e moços. Elisa Coelho, que realiza uma «tournée» pelos Estados do Norte, tem alcançado um exito ruidoso, ao lado de Hekel Tavares.

Canção tzigana

Zingara...

Olhando aquelle retratinho adoravel, em cujo "passe-partout" se escondem dois olhos grandes, num rosto esguio e uma bocca do tamanho de um beijo penso no destino das tziganas...

Ha, entre ellas, um preconceito feroz. E' que os ciganos, esses bohemios da vida e do amor, que não têm patria, porque acham que a sua patria é todo o globo, immenso, quando amam não transigem, não enganam áquelles que as trazem dentro da alma...

Sim, quando uma cigana dá, ainda creança, o seu coração a um homem da sua raça, é signal de que só viverá para elle. Não o enganará!...

Porque, tambem, desde creança, ella escuta, á noite, ao luar, ou á sombra das tendas, os ciganos da sua tribu cantarem, languidamente...

A cigana bonita, maldita,
voluptuosa e languida, sensual,
que se concede ao homem de outra raça,
cava a sua desgraça...
Porque terá de vêr, um dia,
pingando sangue,
seu coração na ponta de um punhal...

Ah! vendo aquella ciganita, penso no amargo destino das zingaras, e gostaria de tel-a junto a mim, para lhe dizer, ao ouvido, com a volupia vingativa de um zingaro...

Si tu me enganas...
...terás de vêr, um dia,
pingando sangue,
teu coração na ponta de um punhal...

YVES

Balcão Florido

NOS CAMINHOS DA MINHA PEREGRINAÇÃO...

NÃO me comprehendeste, não — permitte-me que ainda o repita. E, se o perdão de um homem, "forte" no seu soffrimento, perante a angustia mesma da solidão em que vive, pode, de algum modo, attenuar a magoa que te causei, porque tambem "não te comprehendi" — concede-me esse perdão que tenho orgulho de te solicitar.

Julgaste-me muito mal, a mim que sempre fui um "fraco" deante de toda fraqueza, de todo soffrimento alheio.

Habituado á dor, tanto me tenho identificado com ella, no sombrio e fechado ambiente em que venho tecendo a trama da minha vida que, hoje a sorrir, é que recebo e acolho o que ella me traz.

E transformo em rosaes floridos todos os espinhos da minha angustia de só, sem outro gesto de revolta contra o destino que não o do orgulho da minha altiva attitude perante o meu proprio soffrimento!

Para os mais, para os que estimo ou amo, ainda tenho — sempre aberta, em toda a plenitude e franqueza de seu carinho infantil — minha alma de creança, esquisita e profundamente sensivel. E sinto, então, que sou um bom, que só a si mesmo não se sabe poupar...

Deante de ti — crê — não assumi nenhuma "absurda attitude... literaria" e sim a attitude de um homem em cujo coração calavam ainda as vozes nem sempre intelligiveis da felicidade que, mais uma vez, lhe sorriu, um dia, através da feitiça illusão de uma miragem distante, feita do deslumbramento verde da esperança que a envolvia, e que illuminou e encheu de festa e de anseios a quietude e as sombras da minha solidão.

Através de "descrenças, de cansaços, de desencantos infindos", tambem eu tenho palmilhado os caminhos longos e asperos da vida em busca da minha felicidade — uma felicidade feita de paz espiritual e do carinho, constante, solicito, dedicado, de uma affeição capaz de responder a todos os anseios da minha propria affectividade.

E' pouco e será muito, talvez... se não impossivel...

Tuas palavras não me revoltaram, nem, mesmo de leve, magoaram o que tu chamas — "meu orgulho", meu egoismo de homem. Commoveram-me profunda e sinceramente.

E tudo esqueci para só ter o orgulho da minha fraqueza deante da tua dor, que comprehendo e respeito, e perante tua alma e teu coração de "selvagemzinha" a quem, hoje, mais do que nunca, admiro...

Rendo-me, commovido, e não revoltado, deante do ultimo gesto e das ultimas palavras de perdão que tiveste para mim, e que aceito, mesmo com todo o "rancor" com que as amarguraste para ferir, não quem venceu, mas o que foi vencido...

E' da vida, isso, e tambem dos evangelhos:

Vae soli! Vae victis!

Sê feliz e não te esqueças nunca que, na vida, *le ciel c'est quand on aime*... Mesmo quando os rosaes desse amor florescem nos espinhos da dor, no soffrimento, na angustia das immensas solidões, no silencio e na quietude morna e asphyxiante dos desertos de areiaes combustos, onde, de raro em raro, repontam um oasis a cantar a suave canção de uma gota dagua, que refrigera e anima, ou o verde deslumbrante das miragens feitiças, falazes, illusorias, mas sempre acariciadas e bemvindas...

HELIANTHO

Mlle. Aracy Galvão Bueno, alumna da Escola de Bellas Artes e gracioso elemento da nossa sociedade.
(Photo De los Rios)

A nossa classe medica commemorou, sabbado ultimo, o dia de seu patrono, realizando, na Cathedral Metropolitana, a tradicional festa de S. Lucas, que se revestiu da imponencia de sempre. S. ex. revma. o bispo de Ribeirão Preto, d. Alberto Gonçalves, celebrou a missa em louvor de S. Lucas, fazendo o panegyrico do patrono dos médicos o padre dr. Manoel de Macedo.

Chôro verde

NA multidão de poetas que surgem, diariamente, filiados a todas as escolas, raramente se destaca um que mereça aquelle qualificativo.

Medíocres, na sua maioria, repetindo, sem originalidade, os logares-communs de todos os outros, elles se apagam por si mesmos. Nem sequer despertam a attenção da critica.

Não é esse o caso de Martins d'Alvarez, autor de "Chôro verde", poema onde elle revela a belleza de uma arte cheia de ternura e fulgor.

Encerrando a essencia da sua poesia em modelos de linhas bem trabalhadas, como perfume em vidros artisticos, de crystal, elle canta os motivos lindos da vida e do amor, com a simplicidade e a doçura de um verdadeiro poeta.

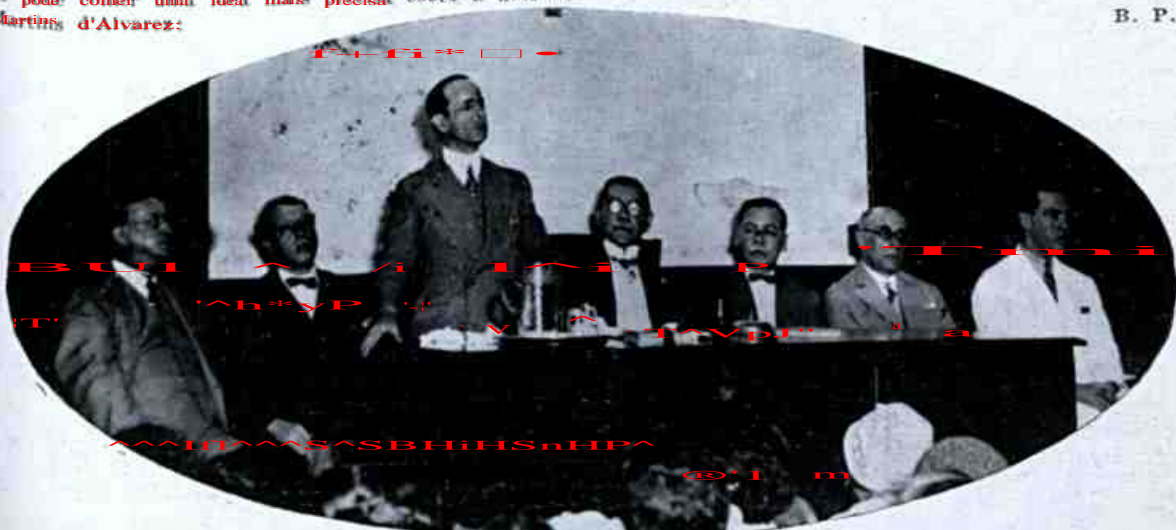
Abrindo, ao acaso, o "Chôro verde", encontramos este formoso poema que transcrevemos para aqui, pelo qual se póde colher uma idéa mais precisa sobre a arte de Martins d'Alvarez:

Duvidas? Amar a duvida fecunda
De suggestivas emotividades.
E' no seio da duvida profunda
Que se encontra dulçor nas tempestades.

Eu serei, para ti, a eterna esphinge,
Cheia de mel e cheia de amargor.
— Foge a illusão daquillo que se attinge —
E como, pois, desilludir o amor?!

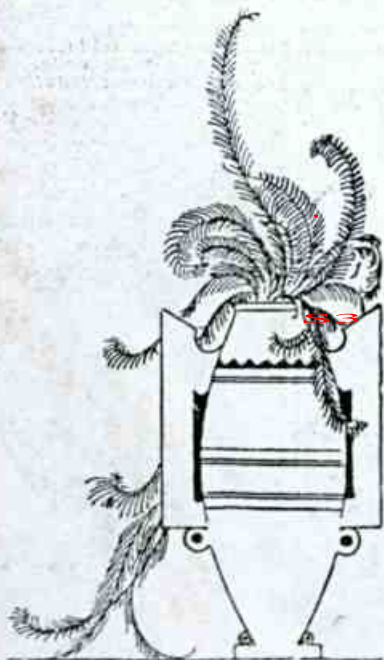
Permanece na duvida engolphada.
Que ella te faça o coração sangrar.
Não soffrerias ao saber-te amada!
O verdadeiro amor é duvidar!

O amor dispara a setta envenenada.
Fére... Endolora! Entanto, quéda mudo...
— Como o meu labio que te não diz nada.
— Como os meus olhos que te dizem tudo!

B. P.

O decimo anniversario da inauguração do Abrigo Thereza de Jesus foi commemorado com uma solennidade que se realizou na penultima quarta-feira, na séde dessa benemerita instituição, á rua Ibituruna, sob a presidencia do sr. Ignacio Bittencourt.

Berilo Neves é um escriptor que se singulariza entre os da moderna geração. Elle é, sobretudo, personalissimo. Uma pagina sua, uma pagina firmada por esse malicioso conteur, traz a marca do seu estylo inimitavel. Sim, escrevendo, Berilo Neves só se parece com Berilo Neves. O ironico, o desorientador, o terrivel sarcasta Berilo Neves.

A costela de ADÃO

de BERILO NEVES

Imaginoso, vidente, quasi prophetico, ou antes, prophetico como o grande Julio Verne; scientificista, creador como Wells; risonho, humorista como Mark Twain; cerebral, por excellencia, a ponto de parecer atacado de um mysoginismo tremendo, o autor d'*A Costela de Adão* reúne em si uma verdadeira trindade. Trindade de bellos espiritos, mas indivisivel e perfeita. Fluente, facil, o seu estylo é mesmo encantador. Primeiro, pela vivacidade que o anima; depois, pelo seu colorido e pela sua musica. Sente-se, porém, que Berilo Neves não se esforça para denotar que é um estylista elegante.

O que elle deseja é surprehender o leitor com a originalidade das suas theses, dos seus assumptos, das suas idéas, das suas fantasias bizarras, no que — como acima frisei — lembra os processos daquelles mestres da penna. Pode-se dizer mesmo que só tem em mira este objectivo curioso: — "épater les bourgeois".

Lendo-se "O homem synthetico" e "No anno 2000", é que melhor se apprehende a intenção do seu espirito "blagueur". Mas, acaso, será essa, apenas, a sua intenção?

Berilo Neves gosta de divertir-se com o proximo. Dahi a sua irreverencia, quando se trata das galantes filhas de Eva.

A quem o não conhece de perto, o nosso Berilo dá a impressão de um inimigo das saias. Engano. Ninguem é mais amigo dellas do que elle. De qualquer modo, a sua *A Costela de Adão* tem sido disputada por aquellas que nasceram della, no Paraiso Terrestre. E todas o discutem, com interesse. Certa noite, numa sala de baile, uma linda morena me disse:

— Julguei que Berilo Neves atacasse as mulheres por ser algum velho desilludido e despeitado.

— Oh! — fiz eu, com escandalo.

E a linda morena, os olhos lampejantes:

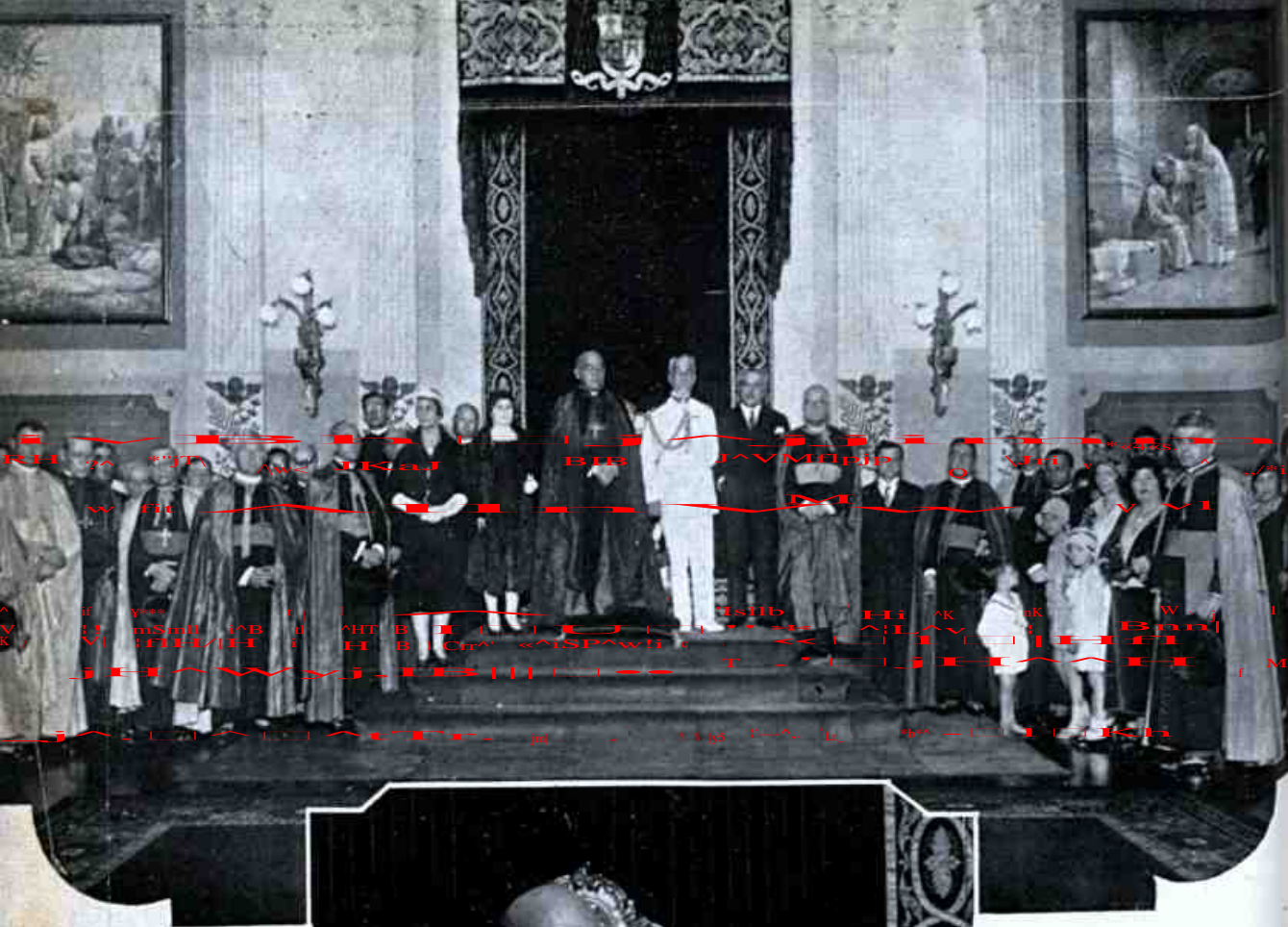
— Fui-lhe apresentada, e verifiquei que elle é moço e elegante. Ataca a nós outras por blague.

Eis ahi a psychologia de Berilo Neves.

Escrevendo com essa preoccupação de zombar, e sorrir do proximo, procura demonstrar que é um escriptor original, como, aliás, accentúa Medeiros e Albuquerque — si é que não pretende mostrar, tão somente, até que ponto chega o seu culturismo, ou antes, o seu convivio com as sciencias modernas.

Emfim, o que nos apraz não é fazer critica d'*A Costela de Adão*. Nem isso seria possivel — uma vez que esse livro já passou em julgado, e teve a consagração do nosso publico, com entrar na sua terceira edição. Terceira edição no espaço de tres ou quatro mezes apenas. Victoria essa que lhe dá, indiscutivelmente, o titulo de campeão do successo de livraria deste anno.

O que desejo é frisar a excellente impressão que me causou a leitura dessa collectanea de contos, que, sendo trabalhados pela mão de um escriptor ultra-moderno, dono de uma solida cultura scientifica — o que é de admirar em nossos tempos — num literato — interessam tanto ás élites literarias como ás camadas menos cultas. — Bastos Portela.

A Federação Nacional das Sociedades de Educação, depois das cerimonias constantes do programma da «Reunião Educacional», que ultimamente se realizou nesta capital, promoveu varias festas de caracter social para homenagear os delegados estaduaes que tomaram parte no certamen. Entre essas solennidades sobresahiram a excursão a Guaratiba e as visitas ás Escolas Pereira Soares e Prudente de Moraes, de que esta pagina focaliza expressivos aspectos.

D. Sebastião Leme apparece, na photographia de cima, ladeado pela exma. sra. Washington Luís, pelo general Teixeira de Freitas, representante do chefe da Nação, pelo sr. ministro das Relações Exteriores e exma. sra. Octavio Mangabeira, pelo dr. Victor Konder, ministro da Viação, altos dignitarios do clero e outras figuras da nossa sociedade, no palacio S. Joaquim, domingo á tarde, momentos após a chegada de sua eminencia a esta capital. Em baixo, a primeira photographia que, como cardeal, tirou no Rio de Janeiro aquelle principe da nossa Egreja.

CARDEAL D. SEBASTIÃO LEME

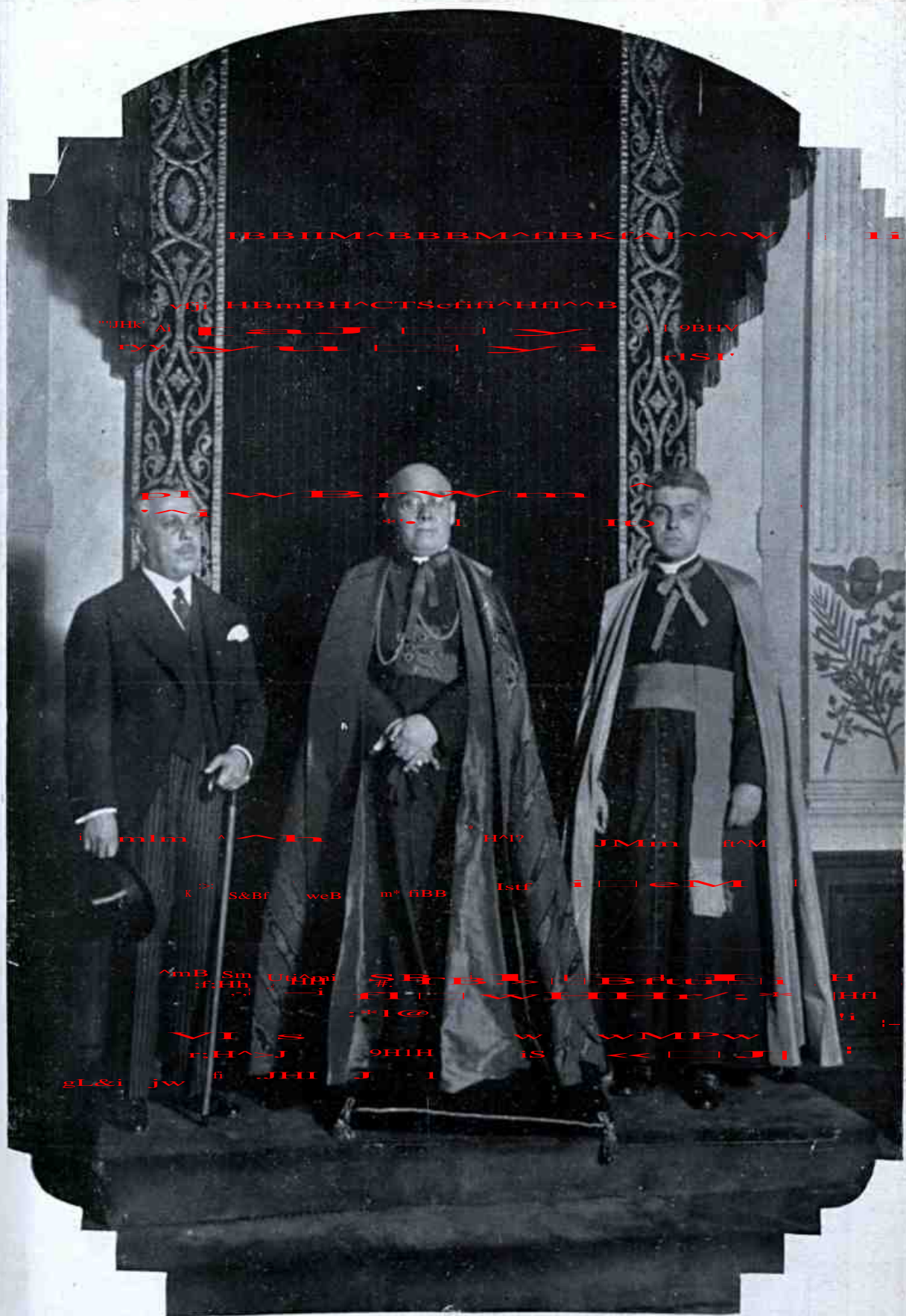
O mundo catholico brasileiro, nesta hora conturbada e dolorosa da vida nacional, recebeu condigna e commovidamente o venerando Arcebispo do Rio de Janeiro e eminente segundo Cardeal da America do Sul e do Brasil.

D. Sebastião Leme, ao pisar, novamente, em terras da Patria, depois da longa ausencia a que o obrigou sua sagração, em Roma, deve ter sentido que a alma nacional — a grande alma catholica do Brasil — acolhendo-o de braços abertos, confugia confiante, para o coração magnanimo do Excelso Pastor, cujas preces iam fazer-se ouvir, nos templos da nossa Fé, em favor da paz e da tranquillidade da Patria e da familia brasileira.

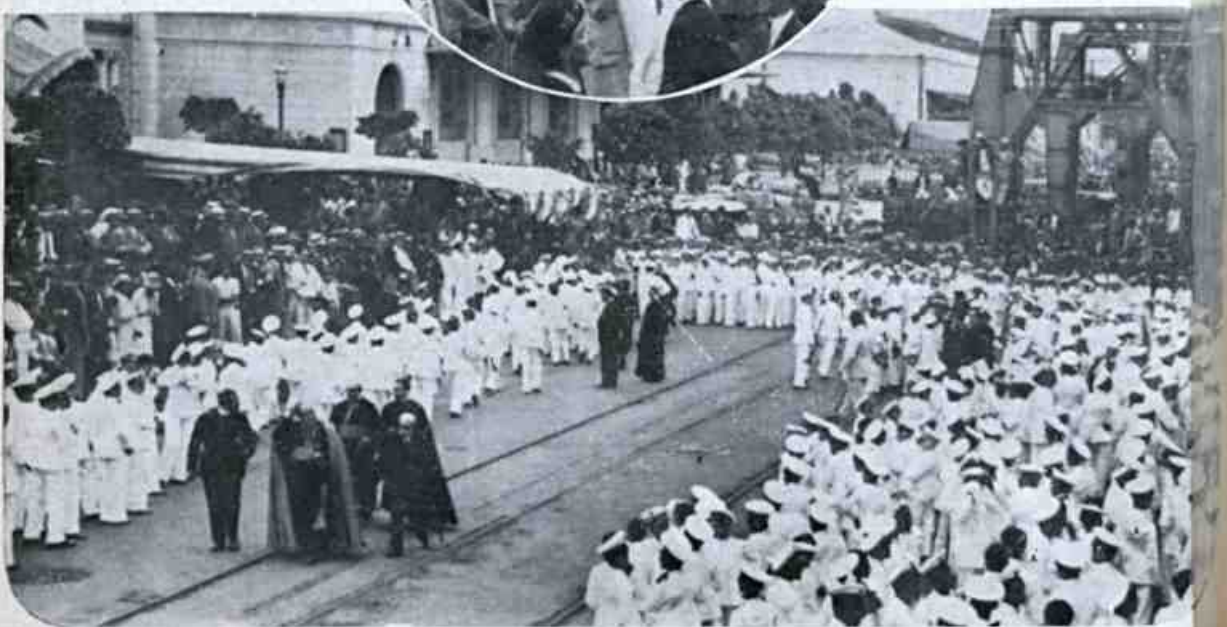
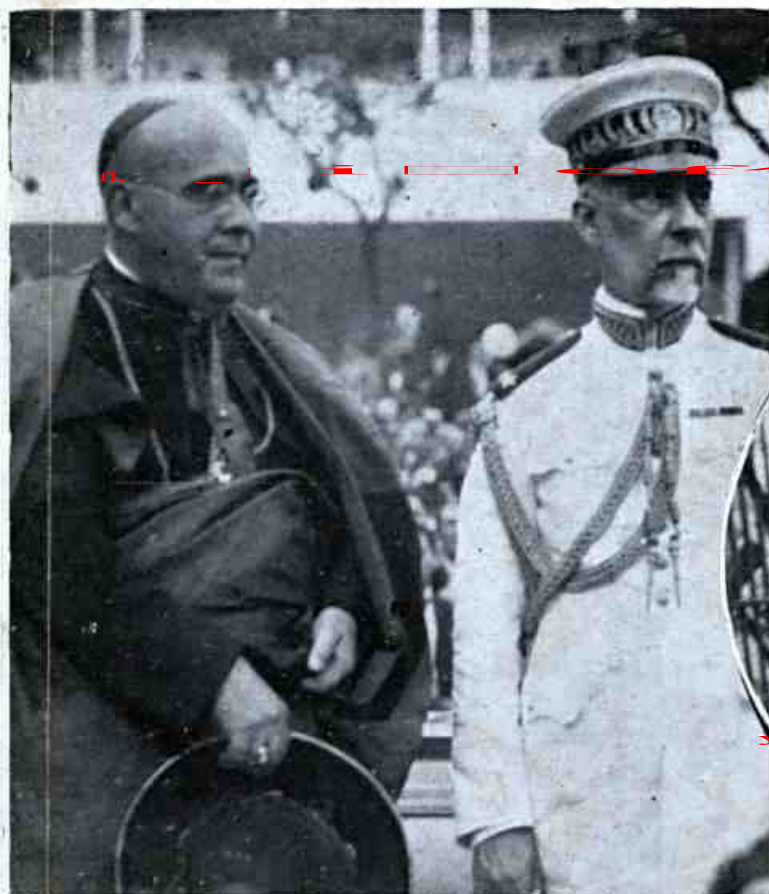
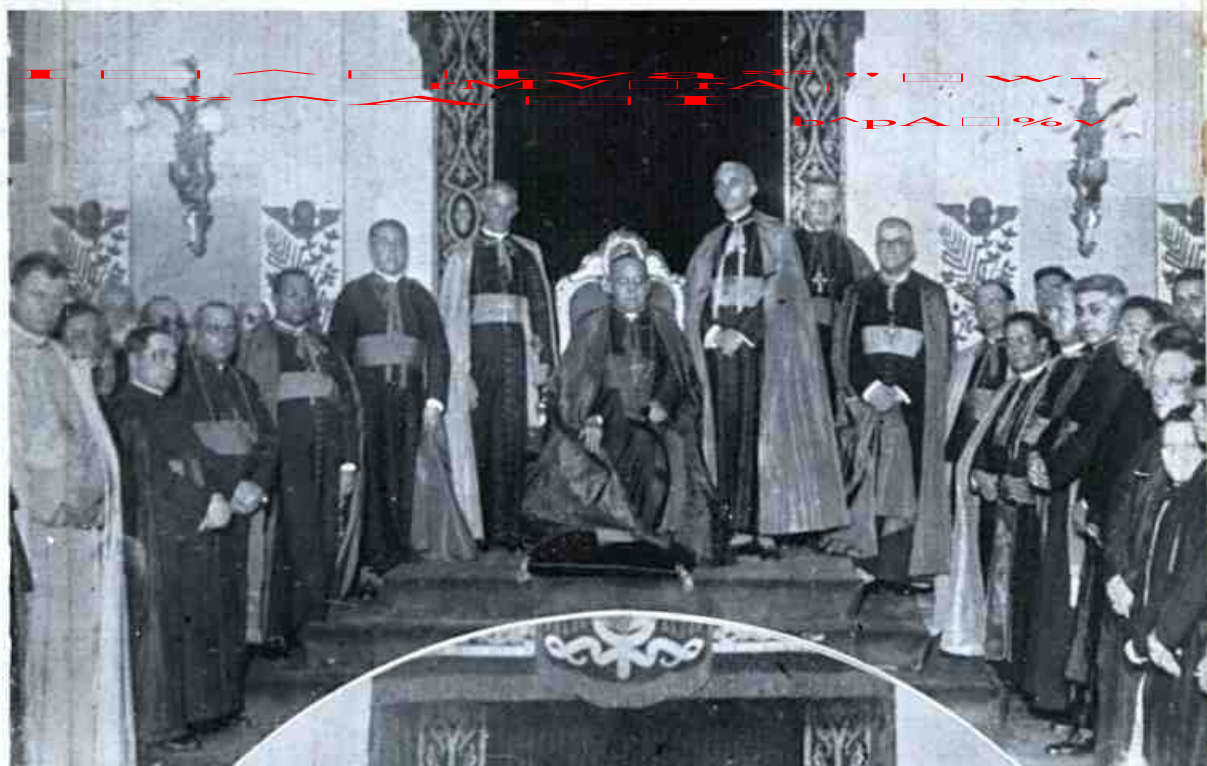
Pro aris et focis...

Pelos nossos altares e pelos nossos lares...

E dos nossos altares, pela tranquillidade dos nossos lares, de certo vão elevar-se, agora, dirigidas pelo venerando e esclarecido Principe da nossa Egreja, as preces da paz, para conforto e alento da alma religiosa do Brasil, tão rudemente provada neste momento.

Bemvindo seja o nobre e venerando Pastor de Christo!

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, no palacio S. Joaquim, ladeado pelo dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e pelo vigario geral da archidiocese do Rio de Janeiro, monsenhor Rosalvo Costa Rego.

Ahi estão vários aspectos do cáes do porto, nos quaes se vêem a multidão, as congregações e autoridades religiosas aguardando o desembarque do cardeal d. Sebastião Leme, por occasião da chegada de sua eminencia, domingo passado, a esta capital, a bordo do transatlantico «Poli-Ho». Em cima, apparecem os membros da grande commissão de recepção ao eminente chefe da Egreja Brasileira.

Sua eminenci? o cardeal d. Sebastião Leme, no momento em que desembarcava do «Duilio», a cujo bordo viajou no seu regresso ao Brasil. Esta pagina offerece-nos ainda outros aspectos, onde ce vê o principe da Egreja Catholica do Brasil, acompanhado de representantes do governo e de altas figuras do clero.

A Chegada do Cardeal Brasileiro

Entre demonstrações as mais expressivas da população catholica do Rio de Janeiro, desembarcou, domingo ultimo, nesta capital, sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme. O principe do catholicismo sul-americano, que de ha muito se impuzera á admiração dos brasileiros pelos dotes de espirito e a sua magnanimidade, volta de Roma, aonde fôra receber o chapéo cardinalicio, que lhe coube, na successão ao cardeal Arcoverde. Apesar das recommendações, emanadas de sua eminencia, no sentido de ser evitada toda e qualquer sumptuosidade. Por occasião de sua chegada, o illustre prelado teve ensejo de ver o quanto é admirado e tem sabido conquistar as sympathias do nosso povo. E' que, ao cáes do porto, ansiosa para receber o artista brasileiro, accorreu uma consideravel multidão de fieis, que o applaudiu com o maior enthusiasmo. A nossa gravura mostra sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme em varios flagrantes, após o seu desembarque, cercado de autoridades ecclesiasticas e representantes do governo

Segunda-feira á tarde, depois de ser recebido, em audiência especial, pelo sr. presidente da Republica, o cardeal d. Sebastião Leme foi alvo de expressiva manifestação por parte do clero regular e secular da archidiocese do Rio de Janeiro e da grande commissão de recepção, cujos membros também estiveram no palacio S. Joaquim, em visita de cumprimentos a sua eminencia. São dois flagrantes dessa manifestação o que focaliza a gravura desta pagina.

ROSAS de VELLUDO

Poema da saudade

NA manhã côr de cinza, embuçada no burel da neblina, que, melancolicamente, desfia sobre a terra o seu pranto silencioso e desolado, eu penso em você com uma grande inquietação e uma vontade immensa de têl-a ao meu lado nesta hora de tristeza e de bruma. Olho a rua deserta e sem sol e, sem ouvir um canto de ave, um pregão de vendedor ou mesmo um ruido banal de cidade, tenho a impressão de que estou longe, bem longe do mundo onde os nossos anseios e as nossas esperanças se esphacelam de encontro aos preconceitos e aos egoismos implacaveis da humanidade. Tenho a impressão de que vivo sozinho num deserto de recordações...

Porque, meu grande amor impossível, você, que está tão distante de mim, tão distante do meu soffrimento e da minha ternura — você me urge, no emtanto, linda e dolorosa, a procurar consolar-me na minha solidão e na minha magoa. Eu sonho acordado com você no silencio longo da manhã côr de cinza... Estou sozinho, mas você está commigo, illuminando a noite da minha saudade.

Saudade... E' o que sinto, princeza longínqua, neste amanhecer de luz escassa, de garoa e de bruma. Saudade dos seus olhos, onde o meu coração tantas vezes bebeu a promessa doce da felicidade. Saudade dos seus lábios sangrentos, que, numa noite lyrica de luar mireiro, accenderam desejos angustiados na minha volúpia insatisfeita. Saudade da sua ternura mansa e triste, que derramou na minha alma um pouco de illusão e um pouco de confiança no amor. Saudade de todos os seus encantos de mulher bonita...

Saudade! Aza de dôr do pensamento...

O verso de Da Costa e Silva suggere-me a lembrança de tanta coisa passada... Tanta coisa esmagada no conforto inútil da esperança...

Tudo nos separa. Tudo se levanta contra nós: até mesmo a nossa temeridade epistolar, que nos denuncia aos inimigos do nosso amor.

E agora, que nos resta para podermos resistir ao desalento e á tortura do impossível? As nossas affinidades. O nosso grande soffrimento. O nosso amor invencível. A força vertiginosa e imponderável do pensamento. E, sobretudo, a saudade da ventura que sonhámos e que o destino não nos deu.

A saudade ha de nos acompanhar eternamente pelo calvario da vida...

Bem haja a saudade!

Mauro de Alencar

Trepações

UMA conquista facil, facillima, que não deve lisongear a ninguem.

Temos a impressão de que a dama se exhibe de cotovelos fincados no peitoril da janella, como certas mercadorias expostas nas vitrinas, para ser adquirida por quem tiver os bolsos cheios de notas do Thesouro.

Nós já temos, seguramente, conhecido cerca de meia duzia de camaradas de patuscadas intimas da interessante dama.

Não ha, por isso, motivo para o advogado pensar que fez uma conquista do outro mundo...

Nem deve suppôr que vae alimentar a sua fantasia apenas com passeios de automovel e chá com torradas.

Ella gosta de coisas mais praticas e tangiveis...

Si o illustre advogado não estiver disposto a gastar, pagando de quando em quando umas complicadas contas de certa modista, vae vêr como acaba depressa uma paixão...

Ella tem a volupia de arruinar os ingenuos que lhe cáem nas garras, e, certamente, o advogado não escapará á sorte dos outros...

Resta fugir, emquanto é tempo...

QUE grande covardia, a do nosso amigo, e que deploravel papel representou deante de tanta gente, quando soube estar convocado como reservista do Exercito, com prazo de apresentação!

O rapaz, dado a gabolices, dos taes que roncam no peito, tremia da cabeça aos pés, pronunciando palavras loucas, levadas pelo vento...

Um espectaculo como o de certos *films*, que fez rir desabaladamente á assistencia, e os que souberam do caso, mais tarde.

Porem, o facto não provocou apenas o riso, tendo acarretado ao rapaz a perda da sympathia da menina loira, sympathia que lhe custára obtêr.

A pequena ficou horrorizada com a tremedeira do rapaz, e sentiu que as suas saias valiam muito mais do que as calças do eleito do seu coração...

A' decepção succedeu uma insopitavel indignação, e o nosso amigo foi para sempre desprezado pelo seu bem amado.

Ella, certamente, não o perdoará jamais, pois teve a franqueza de lhe dizer, pilheriando, que homem é homem, e o gato é... um bicho...

A poesia vive na alma da gente. Principalmente quando se é moço, o sonho faz parte da vida, e tudo é visto por um prisma côr de rosa... Mas, acontece que os sonhos não são alimentados apenas de beijos.

Elles devem repousar em alicerces mais solidos, para que sejam duradoiros.

Está nos livros...

A linda creaturinha de olhos verdes, que nada percebe de livros, acreditou que a felicidade estava completa com a posse do maridinho, installados ambos no *bungalow* de linhas harmoniosas, que tanta admiração despertava aos olhos invejosos.

O *bungalow* emergindo de um jardim bem cuidado, uma victrola sonora attrahindo para o interior a attenção dos transeuntes, a boneca de olhos verdes povoando de alegria o ambiente da vida do rapaz... e parecia que o poema côr de rosa não teria fim...

Porem, quasi mysteriosamente, cessou a vida do *bungalow*, quedou a victrola em silencio, morreram as rosas do jardim, e o casal desappareceu...

Ninguem sabe como isto foi, nem porque o *bungalow*, onde parecia morar a felicidade, passou para outras mãos, de burguezes apatacados, que mataram todo o encanto, toda a graça da pittoresca vivenda.

Morreu o sonho do joven casal, porque certamente, atrás delle, não existia uma montanha de oiro, aquillo com que se compram os melões, como diz a sabedoria popular e ensina a philosophia dos argentarios.

Era fatal...

NOTAS DE ARTE

Vera Janacopulos, a grande cantora brasileira, de fama mundial, que acaba de realizar, no theatro Lyrico, memoraveis concertos, onde mais uma vez ficou plenamente justificada a celebridade da eminente artista.

MADAME já está em idade de ter juizo. Entretanto, parece que o perdeu de todo.

Porque só a ausencia de juizo justifica certos actos, gestos, improprios, e que nada recommendam quando praticados por damas pertencentes á alta camada social.

Madame, agora, frequenta os banhos de mar, a sua ultima grande loucura.

Trazendo sobre o corpo um *maillot* ligeiro, ligeirissimo..., apparece na praia, deita-se mollemente na areia fulva, apanha um cigarro de fumo loiro e fica horas esquecidas olhando para a fumaça que se desfaz no ar fino das manhãs.

Parece alheia a tudo e a todos, completamente fóra deste mundo, nem mesmo se preoccupando com a admiração que desperta aos banhistas o seu corpo claro, de linhas impeccaveis...

Acontece, porem, que, quando apparece um banhista de compleição forte, rosto queimado pelo sol, madame quebra o seu alheiamento das coisas e dos sêres, para offerecer ao mesmo um sorriso de mulher feliz...

E, no mar, ao beijo das ondas, trocam palavras amaveis, sentindo a doce alegria da hora do banho, esquecidos dos que estão proximos com olhos de vêr e ouvidos de escutar...

Delicioso numero que é madame, com o seu *maillot* ligeiro, ligeirissimo, á hora do banho de mar!...

NOTAS DE ARTE

CLAUDIO ARRAU — Profissionaes e amadores, todos os que amam a musica, sentiram-se commovidos e empolgados ouvindo as admiraveis, excepcionaes interpretações dadas pelo grande pianista chileno Claudio Arrau ás peças que figuraram nos programmas dos seus ultimos concertos realizados no theatro Lyrico: I *Rondó em ré maior*, de Mozart; *Sonata*, op. 31, n. 3, de Beethoven; *Estudos Symphonicos*, de Schumann; *Jardin sous la pluie*, *Voiles* e *Coliwogg's Cake-Walk*, de Debussy; *Tres momentos de Petruchka*, de Strawinski; — II) *Sonata em ré maior*, de Mozart; *Variações sérias*, de Mendelsohn; *Sonata em si menor*, op. 88, de Chopin; *Les Jeux d'eaux á la ville d'Este*, de Listz; *Islamy* (fantasia oriental), de Balakireff.

Era de ver-se o extraordinario pianista viver, com o mais requintado sentimento expressivo, ou a mais estupenda bravura, com maravilhas de mecanismo, ou com inegualavel poesia, tudo o que tocava. Mas nem por isso deixamos de assignalar o que produziu mais sensivel effeito: *Tres momentos de Petruchka* e *Sonata em si menor*. A execução da primeira parece-nos ter excedido a todas a que anteriormente ouvimos; foi uma maravilha de clareza e de sonoridade; deu-nos a sensação de deslumbramento. A execução da ultima, especialmente o *Largo*, foi um milagre de expressão sentimental; o piano parecia cantar.

Claudio Arrau é, sem favor, um dos maiores entre os grandes pianistas do mundo.

A banda do commando geral da Guarda Republicana Portugueza, que presentemente se encontra no Rio, é um dos agrupamentos artisticos de maior renome na velha Europa. Tendo-se apresentado em concursos em Paris e em outras capitaes, alcançou sempre os primeiros logares, o que lhe deu enorme prestigio. Seu director, Fernandes Fão, que a dirige ha muitos annos, é um maestro de grande cultura artistica, um consagrado mestre no meio musical portuguez. Compõe-se a banda de cerca de cem figuras, todas ellas «solistas», escolhidas entre os melhores musicos militares de Portugal. A banda da Guarda Republicana tem sido muito festejada por brasileiros e portuguezes, constituindo os seus concertos admiraveis horas de arte. A nossa pagina mostra a banda da Guarda Republicana Portugueza no seu conjuncto e quando desembarcava nesta capital, vendo-se tambem ahi o maestro Fernandes Fão, director do notavel grupo musical.

FILIORAXAS

Mo pequeno quarto que lhe deram para dormir na escola militar de Brienne, Bonaparte encontrou, testemunha Desmazir, que foi seu collega, as seguintes phrases, traçadas a carvão na parede: "Gusta-se muito a ganhar um galão — De Montgivraqj. — O mais bello dia da vida é o duma batalha — Visconde de Tinténiac. — A vida é uma longa mentira — Cavalheiro Adolpho Delmas. — Tudo acaba em sete palmos de terra — Conde de La Villette." O futuro Napoleão tomou dum lápis e gatafunhou em baixo dessas sentenças a ultima, a do conde de La Villette, assignando-a com seu nome. Xella, elle, que haveria de ser dono do mundo, resumiu philosophicamente o verdadeiro destino de todos quantos abrem os olhos para a luz.

Um dos jogos principaes do campeonato carioca de football realizados no ultimo domingo, foi o que movimentou o campo da rua Figueira de Mello, onde se defrontaram, como bons e fortes adversarios, os teams do Fluminense F. C. e do S. Christovão A. C. A multidão que apreciou esse encontro era numerosa e o «match» desenvolveu-se dentro de lances empolgantes como os que reproduzem os dois flagrantes desta pagina, onde também apparecem os quadros contendores.

AUTORES

Carlos Ferraz, nosso confrade da imprensa de Petropolis e brilhante chronista, é o autor do volume «Rosa», que acaba de apparecer, e no qual reuniu alguns trabalhos publicados nos jornaes e escriptos com simplicidade e elegância.

FUNDAMENTOS DA POESIA BRASILEIRA

JÁ ha muitos dias tenho sobre a minha secretária uma obra que li com o maior carinho e interesse.

Quero referir-me ao ultimo livro de Sylvio Julio — Fundamentos da poesia brasileira — trabalho de alta erudição literaria, com que seu illustrado autor e meu querido amigo se apresentou, recentemente ainda, ao concurso da cadeira de literatura brasileira na Escola Normal desta capital.

Sylvio Julio é, hoje, indiscutivelmente, um dos valores exponenciaes da nossa cultura, um espirito de continuo agitado pela sede do conhecimento.

Acompanho, ha annos, a formação dessa mentalidade rigorosa, pertinaz, que, num labor sem treguas, sem repousos, — rude, mesmo — vem offerecendo á geração moça do Brasil o raro exemplo de uma actividade espiritual a vencer sempre, e brilhantemente, sem desfallecer ante os obices, os calhaus e as difficuldades de toda ordem que se lhe têm anteposto, creando entraves e embaraços á sua marcha ascensional.

Sylvio Julio tem vencido assim pela pertinacia do proprio esforço, pela resistencia moral do seu caracter, na tempera de lutador destemeroso em que elle caldeou tambem sua primorosa intelligencia, dando-lhe o lastro cultural que, hoje, tanto a distingue no scenario da actividade mental brasileira.

O ultimo livro de Sylvio Julio é bem uma prova irrecusavel da solidez da sua variada cultura, francamente evidenciada na segurança com que elle explana, estuda e analysa o assumpto que escolheu para thema da sua these de concurso.

Seu alto senso critico condul-o á sustentação e defesa de pontos de vista e ideas proprias, pessoaes, sobre o importante assumpto, estudado ampla e exhaustivamente nos seus aspectos principaes e mais interessantes.

Focalizando, preliminarmente, o conjuncto de factores determinantes e condicionadores de toda evolução literaria, Sylvio Julio entra, a seguir, na exposição e analyse dos que, mais estreitamente, precisam os fundamentos da poesia brasileira. E, pondo em jogo sua admiravel erudição sobre a materia, estuda-a nas suas varias manifestações, examinando detida e detalhadamente as influencias estranhas, como a imitação dos modelos europeus, que maior influencia exerceram nas transformações que tem soffrido a nossa poesia.

Fundamentos da poesia brasileira não é só um simples trabalho que honra os meritos de um candidato a uma cadeira em concurso — é a obra de um erudito possuidor de um alto espirito de analyse e de critica, na qual muito tem a aprender os discipulos e a consultar e perquirir os mestres.

Mais a vagar, voltarei a uma apreciação mais detida e particularizada desse notavel trabalho literario que honra a alta cultura nacional.

E aqui deixo o meu abraço ao querido Sylvio Julio.

MAX LIMOKE.

«FON-FON» NO CEARÁ

O coronel Adolpho Gonçalves de Siqueira, figura de relevo na sociedade cearense, é o decano dos empregados no commercio de Fortaleza. Alto funccionario de importante casa bancaria, presidente de honra do Club Iracema, ex-presidente da Camara Municipal, ex-presidente da Phenix Caixeiral, ex-prefeito da capital do Ceará, desfructa na sua terra de alto e merecido conceito.

«FON-FON» EM RECIFE

O dr. Bruno Maia, jovem e distincto medico de Recife, no seu gabinete de trabalho.

Os Sete Dias de "Fon-Fon" no Cinema

A hora do trabalho nos studios

E' meia noite. Expostas sobre a plataforma as machinas cinematographicas, numa immensa fileira de cadeiras de estylo do campanha estilo sentados rapazes e moças que fazem parte do côro, conversando todos e abanando-se e saboreando sorvetes gulosamente. Num canto, está um grupo que se compõe de Bessie Love, Marie Dresler, Polly Moran, Gwen Lee e Nita Martan, que tomam refrescos pelos canudos de palha, emquanto os cabelleireiros lhes arranjam os penteados. No palco da orchestra, um persistente piano toca os accordes de uma canção que Charles King, Jack Bonny, Eddie Philips e George K. Arthur cantam a quatro vozes. Os electricistas andam ás pressas pelas altas plataformas, passando revista á enorme bateria de luzes que, estalando sob o calor de 10.000 amperes, estão sendo projectadas no scenario sonoro da Metro-Goldwyn-Mayer, onde está sendo filmada uma scena de "Chasing Rainbows". — "Bem, que estamos esperando agora?" resmunga Charles F. Riesner, o director, empoleirado na sua alta cadeira de comando, perto das machinas cinematographicas distantes do scenario. — "Não podemos usar estas machinas techni-colores depois das 12.30 da noite. As suas dezeseis horas de duração já estão quasi terminando!"

Bz-z-z-z-z-z! sôa o commutador falante. As luzes vermelhas fluctuam... accendendo... Um murmurio de conversa pelo telephone... "Prompto, Mr. Riesner!" Tiveram que carregar novamente a bateria do som. — Esta scena é muito grande. — "Bom, preparemo-nos para filmar. Já estão promptas as machinas cinematographicas? — Está tudo direito?" exclamam os seis operadores cinematographicos nos seus postos. Sammy Lee, o director de bailados, empunha o megaphone. — "Está tudo direito?" pergunta elle ao côro. "Ponham os pés e abotoem o uniforme. — Bessie, você está segura dos seus passos de dança ou quer ensaiar mais uma vez?" — "Não", responde Miss Love, sentada num banco alto e balançando as pernas para lhes dar mais flexibilidade. Do mesmo modo que fazem os boxeadores emquanto estão esperando pelo signal de entrar em luta, os peritos de maquillage precipitam-se e applicam nos rostos dos coristas de ambos os sexos as manchas vermelhas para as scenas coloridas. Os trajes são de setim verde, amarello e branco — estes são os melhores tons para o film a cores. Ainda resa um minuto de intervallo que todo o pessoal aproveita para beber um copo dágua ou fumar mais um cigarro antes de começar o trabalho. As encarregadas do guarda-roupa andam de um lado para outro para ver si não falta nem uma peça de roupa para todas as coristas. Os músicos arrancam notas nervosas das cordas dos seus instrumentos, afinando-os.

"Fechem as portas!" ordena Riesner. — As pesadas portas de aço giram lentamente; caem os ferrolhos e o ar fresco de fóra acaba-se instantaneamente. Reina um grande silencio, tão oppressivo como o calor que envolve o recinto, ao serem accendidas as poderosas luzes de arco. O effeito é assombroso, é de quasi cegar os olhos das pessoas não acostumadas; a claridade é mais forte do que um dia de sol de verão ardente. Os vestidos assumem novos matizes, e as faces dos bailarinos, pintadas tal como palhaço, são pallidas sob a fulgurante illuminação.

Bessie Love sobe ao palco, e as cortinas de velludo vão se fechando lentamente. "Todos promptos?" Attenção na entrada! Vae começar. Escuta-se ao longe o surdo rumor da machinaria que entra em funccionamento. Miss Love deante do grupo de bailarinas, vestida com um traje verde delicado e com meias compridas transparentes, canta um numero, emquanto que os microphones são collocados muito baixo, quasi perto da sua cabeça e são içados mais para fóra do radio sonoro das machinas, quando ella começa a dançar.

Outra scena de dança e canto estão sendo filmadas.

Jameson Thomas e Anna May Wong, em uma scena de «Piccadilly», o filme da British, dirigido por Dupont, e que será exhibido no Rio pelo Programma Serrador.

Idéas sinistras.

"O Hiate dos Sete Peccados"

Producção synchronizada da UFA, para o PROGRAMMA URANIA
Direcção: J. e L. Fleck

O armador Roberts organizou no seu luxuoso hiate "Yoshiwara" uma viagem, sem escalas, ao redor do mundo, cercada de conforto e requinte proprios de uma grande capital. A bordo, encontram-se celebres artistas, millionarios e, principalmente, como pouco depois se verifica, aventureiros que aproveitam a optima opportunidade de desapparecer, por algum tempo, das vistas das autoridades policiaes.

Poucos momentos antes da partida, o superintendente do armador, Stefan Martini foi assassinado mysteriosamente em seu escriptorio. As suspeitas recaem sobre as pessoas que, por ultimo, foram vistas em sua companhia: o armador, a dançarina Marfa Petrowna, amante de Martini, e Kilian Gurlitt, joven actor theatral, que tivera com o superintendente violenta scena de ciumes, porque este, usando de meios fraudulentos, insinuara a sua noiva, a cantora Léonie Storm, fazer parte do elenco artistico de bordo, com a intenção de entregal-a ao patrão.

Através interessantes circumstancias, Kilian Gurlitt cae nas mãos de Roberts e, ao mesmo tempo, na suspeita da policia, não lhe restando, portanto, nada mais que refugiar-se, em companhia de Léonie, a bordo do "Yoshiwara". Marfa Petrowna tambem conseguira ser incluida na "troupe" theatral do hiate de recreio, por intermedio do maestro Costa. Ella ama Kilian Gurlitt e por pouco consegue separar os dois noivos.

Entrevista interrompida.

Luxuria.

Durante a viagem, surgem pavorosas e emocionantes occorrencias: os aventureiros, cada vez mais se sentindo em segurança, deixam cahir a mascara de ociosos ricaços e iniciam uma vida de orgias. Ladrões, trapaceiros e mundanas apresentam-se como realmente são. Envolto por essa vertigem, desenvolve-se um apaixonado drama entre Marfa e Kilian, e entre Roberts e Léonie, afinal interrompido bruscamente em seu ponto culminante com a chegada de agentes policiaes, que occupam o hiate.

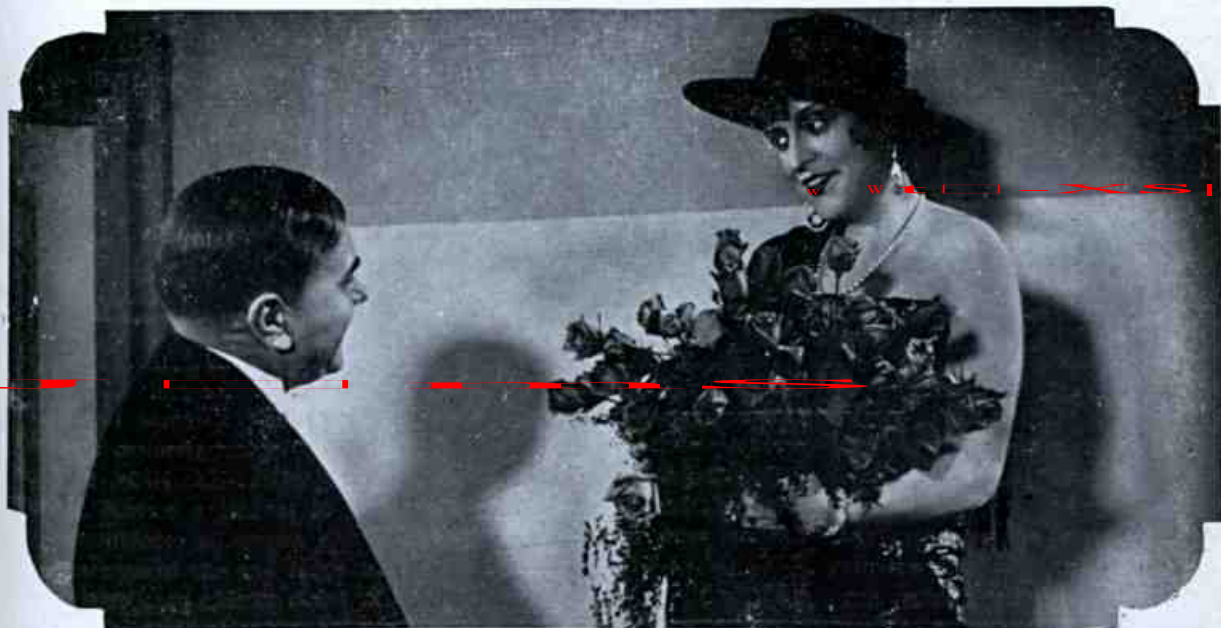
Um detective, por todos desconhecido e que se achava a bordo, conseguira, entrementes, colher todas as provas necessarias para o esclarecimento do mysterioso assassinio e, então, prende os verdadeiros criminosos. Marfa, a tentadora dançarina, adorada por todos os passageiros, é algemada e retirada de bordo. Roberts, cujos planos e antecedentes são desvendados, não escapa tão pouco ao castigo. Kilian Gurlitt, porém, livre de suspeita e unido a Léonie para sempre, pode continuar socegadamente a viagem em busca de um futuro risonho...

Marfa Petrowna, dançarina	BRIGITTE HELM
Kilian Gurlitt, joven actor............	JOHN STUART
Léonie Storn, cantora	RINA MARSA
Alfonso Costa, maestro	CURT VESPERMANN
John Roberts, armador	HUGO WERNER-KAHLE
Stefan Martini, empresario............	ALFRED GERASCH
O homem com uma cicatriz............	KURT GERRON
O chefe de escriptorio	EMIL RAMEAU
O chefe de policia	EUGEN NEUFELD

Flor de Alhambra.

A LENDA DO VALLE

UMA PRODUCÇÃO DA "FOX FILM"

GEORGE O'BRIEN
SUE CAROL
WARREN HYMER
WALTER MACGRAIL

SOBRE a personalidade de Buck Duane, o cavalheiro audaz das planicies do oeste, recahiam sempre todas as duvidas de qualquer crime occorrido nas localidades proximas.

E' que ha muito havia sido posta a premio a captura do supposto bandido. O crime commettido por Duane fôra unicamente em defesa propria.

—

tal-a, para se conhecerem melhor. Felippe Lawson, mão direita do coronel Aldrige, tio de Mary, desde a chegada desta, passa a cortejal-a com insistencia, aproveitando-se da

O capitão Mac Nally, da guarda do governo, encontrando-se com Duane, propõe-lhe o perdão, em troca da prisão do chefe da quadrilha que infestava a fazenda, roubando o gado. Após repetidos encontros, Mary e Buck juram amar-se muito e eternamente.

Desgosta-o a situação de ser obrigado a revelar á sua amada a verdadeira identidade de seu tio.

Enleio perigoso.

Cavalgava o nosso heroe, quando, do alto da collina, observou um grupo de malfeitores assaltando uma diligencia.

Correndo em soccorro, tem elle occasião de travar conhecimento com a formosa Mary Aldrige, que agradece tão prompta e efficaz protecção, promettendo Buck visi-

circumstancia de ser socio do velho coronel.

Entretanto, Buck vem a descobrir que tanto o tio de Mary, como Lawson, eram os ladrões de gado.

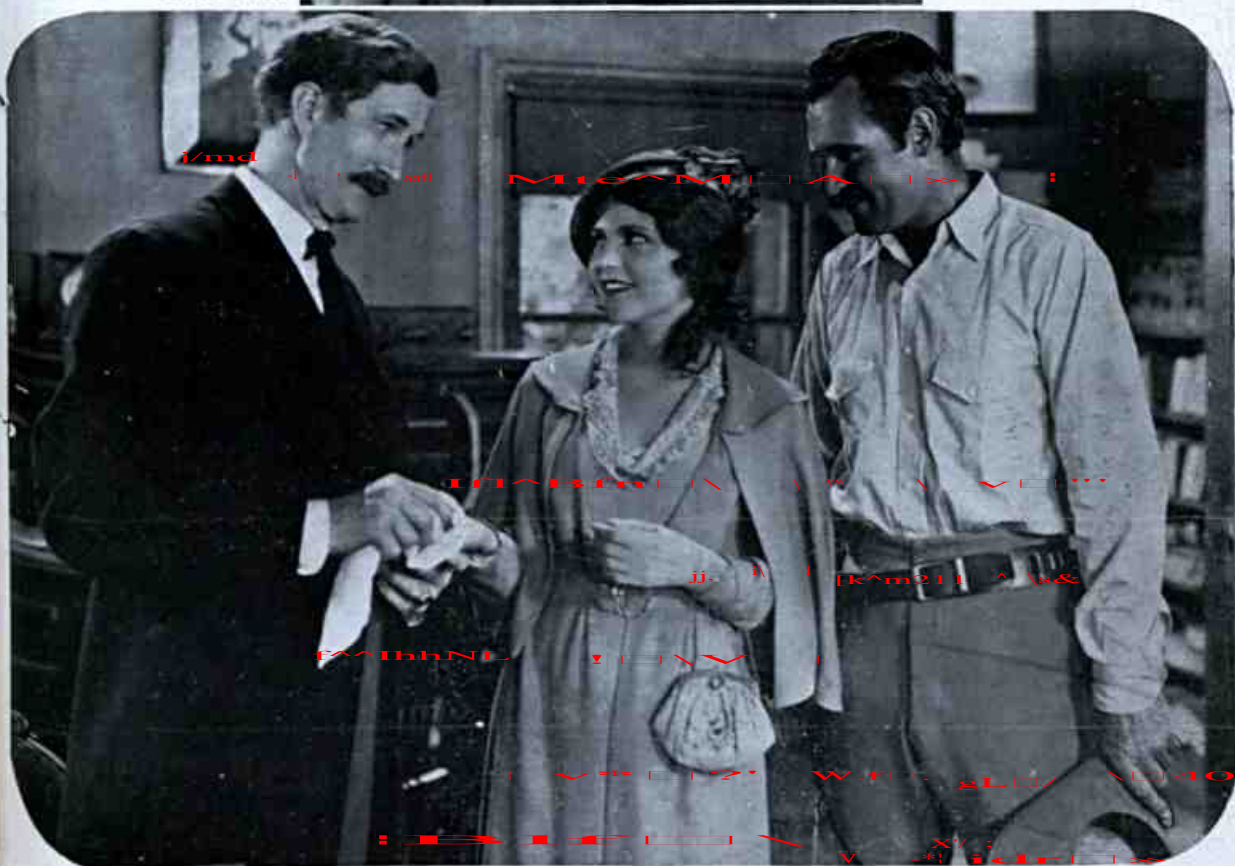
Momentos de duvida turvam-lhe a mente no compromisso assumido com o capitão Mac Nally, pois que terá de prender o coronel Aldrige; mas o anseio de rehabilitar-se de um crime que não havia commettido, leva-o avante para obter o seu perdão merecido, e fazer jús ao grande amor de sua Mary querida.

Illustrações do film "A LENDA DO VALLE"

UMA PURA OBRA DE ARTE

O cinema antigo tinha sua technica, em tudo differente dos modernos "talkies", em que a palavra e o dialogo dominam. A arte das imagens, como ha dois ou tres annos passados imperava, era um espectaculo que falava a todas as massas e por todos era comprehendido com a maxima facilidade. Não resta duvida que o dominio dos films silenciosos, antes do advento dos "talkies", era mundial. Por isso, um film, feito sob os moldes antigos, ainda póde seduzir e empolgar qualquer platéa. Por isso, estamos a prever para "Piccadilly", do Programma Serrador, uma carreira brilhante e cheia de successo.

Se elle foi feito ainda moldado nos processos silenciosos, que dizer de quem o idealizou e o dirigiu? Dupont, o grande director europeu, o homem que fez "Varieté" e "Moulin Rouge", é o creador de mais essa maravilha cinematographica. Dahi ser facil dizer que "Piccadilly" vae encher a todos os bons admiradores do cinema silencioso de satisfação e prazer. A sua estréa será dentro de algumas semanas, provavelmente, no Palacio Theatro, da Companhia Brasil Cinematographica. São interpretes dessa pellicula do programma Serrador - Gilda Gray, Anna May Wong e Jameson Thomas, nos principaes papeis.

Estou aqui.

O velhote está tonto.

O CINEMA NO BRASIL

Ao que nos informam, é provavel que uma empresa norte-americana, com representação entre nós, tome a seu cargo levar a todo o Brasil uma pellicula nacional, obra de tenacidade, arrojo e desejo de acertar, organizada através de mil difficuldades, com essa força de idealismo que só é possivel na mocidade, que tudo vence quando é guiada por intenções puras. Este é o caminho. E' obvio que a filmagem nacional não pode fazer concorrencia ao film norte-americano, no campo artistico como no economico. O que tem a velleidade de pensar o contrario é, pelo menos, tolo, e não é sincero. Só o norteia a vaidade. Pela mão dessas grandes entidades filmescas é que o cinema nacional poderá dar os primeiros passos, como as crianças que engatinham. Isto de caminhar por si só a nascença é «arrojo» que apenas pode ser concebido em cerebros vazios.

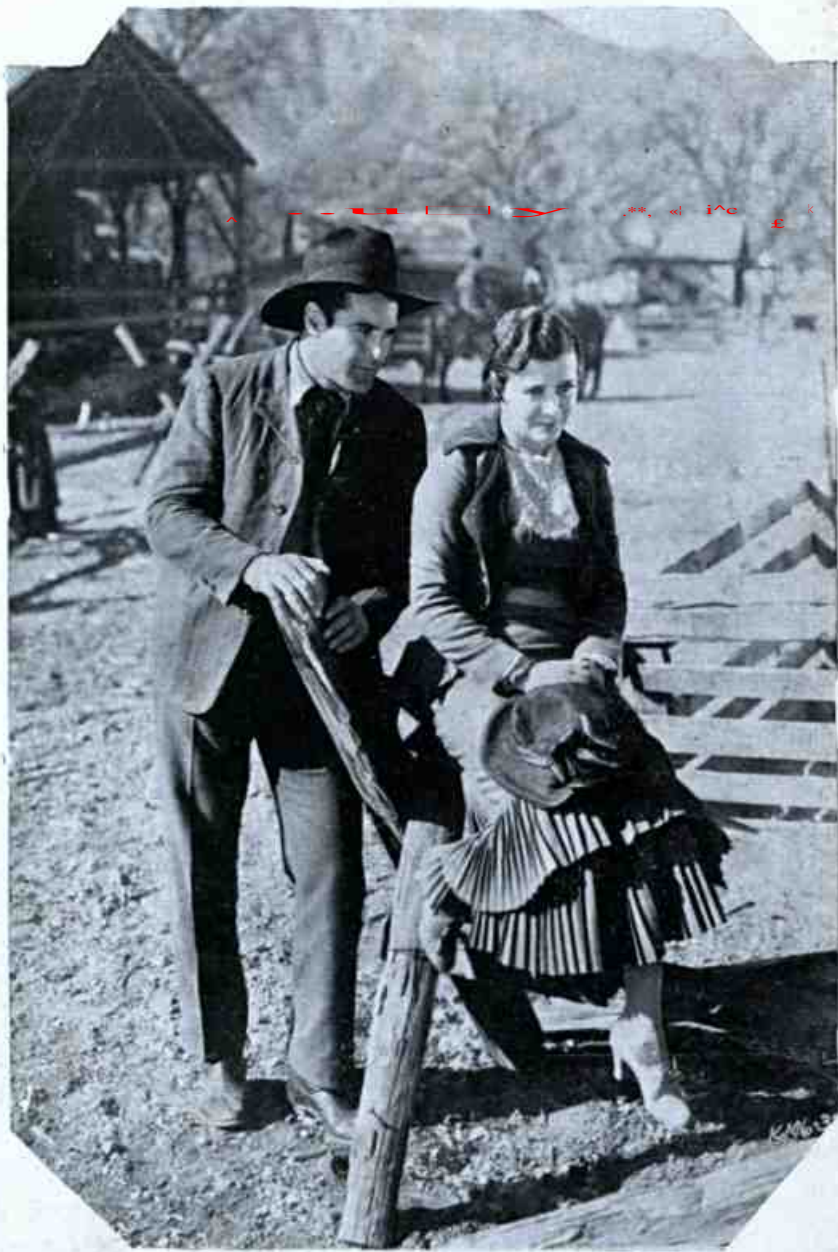
Evidentemente, torna-se necessário acolhermo-nos ás boas arvores para que possamos abrigar-nos das intemperies que sempre surgem nos primeiros ensaios duma tentativa artistica dos moldes da que representa o lançamento dum film brasileiro, para o qual, não é errado affirmar, existe da parte do publico uma certa reserva, ainda que isto possa ferir os sentimentos dos brasileiros que são verdadeiramente patriotas. Os factos são os factos, e contra elles, diz o povo, não ha argumentos.

Por isso achamos que é motivo para rejubilar-nos o saber que Ruy Galvão, a quem nos vimos referindo, encontrou, por parte duma empresa norte-americana, cujo nome não estamos autorizados a declarar, a melhor boa vontade para que o seu film «Meu Primeiro amor» corra o territorio brasileiro sob o prestigio duma marca que seja a demonstração tacita do que representa um trabalho honesto e digno do Brasil.

Ernani Augusto, o galã do «Meu Primeiro Amor», e algumas scenas deste film de Ruy Galvão.

"Missão de Vingança"

Um film da Universal

SANDY MCTAVISCH, proprietario de uma fazenda de Oklahoma, foi alvejado a tiros numa emboscada e morre nos braços de seu filho Ken. Antes de expirar, informa que o seu assassino veiu de Kattle Creek, Kentucky, onde a familia McTavish vivia antigamente. Sózinho, Ken parte para Kettle Creek contrariando os conselhos de seu pae. Faz o papel de um violinista ambulante e, afim de evitar que fosse interrogado sobre a sua missão, finge ser surdo. Os montanhezes consideram-no suspeito, como estranho, principalmente Lem Harland, "leader" da familia que antigamente guerreava os McTavishes. Ken revela a sua missão a Jud McTavish, que está tomando conta da taberna da cidade. Jud duvida que algum membro da familia Harland tenha rompido as treguas entre Harland e McTavish, porém promette ajudar Ken nas suas pesquisas. Ken toca ao violino uma dança montanheza chamada "shindig" e merece as graças de Coral Harland, uma linda professora, com a qual Lem está namorando. A amizade entre Ken e Coral mais ainda enfurece Lem contra Ken. Um amigo de Ken, de Oklahoma, chamado Rusty, chega em Kettle Creek contrario aos conselhos de Ken, e, sem querer, trae a identidade de Ken a Lem. A "shindig" acaba em briga e Ken consegue escapar quando Jud, por precaução, apaga as luzes. Ken é chamado perante o juiz montanhez afim de explicar as suas acções. A velha contenda entre os Harland e os McTavish está para resurgir novamente. Ken confessa a sua identidade e explica a sua missão, obtendo do juiz montanhez permissão de continuar as suas pesquisas. Lem quer livrar-se de Ken de uma maneira calma e difficilmente consegue acalmar o seu irmão Abner, o assassino do pae de Ken. Abner lembra a Lem um outro assassinio que este commettêra. Lem estava visitando Coral na sua escola, quando Ken se approximou. Lem aponta a sua espingarda no intuito de matar Ken, que é salvo por Coral, que derriba a espingarda. Ken e Lem entram numa luta terrivel, sahindo Ken victorioso. Ken segue Lem e testemunha uma conversa provando que Abner é o assassino de seu pae. Ken captura Abner, escondendo-o na taberna de Jud. Dean te da difficuldade de levar Abner para fóra do districto, Ken resolve leval-o num caixão. Os Harlands são informados do plano e sahem em perseguição. O carro de Ken fica com uma roda quebrada e Ken obriga Abner a acompanhal-o a cavallo, dirigindo os dois cavallos da maneira romana. Passa um trem e Ken salta em cima, despedindo-se com um riso sardonico dos Harlands que o perseguem. Mais tarde Ken volta ás montanhas e casa-se com Coral.

Confissão.

Disposta a defender-se. (Illustração do film "Brado de Vingança")

CIVILIZAÇÃO E TURISMO

JOSÉ VICENT PAYÁ

(Especial para "Fon-Fon")

POR muito que se escreva sobre o turismo, sempre será pouco, pois o exito para uma realidade está em encarar as coisas com o menor idealismo possivel e de uma maneira pratica.

Predicar o turismo em casa é o maior synonimo de fracasso. Faz-se necessaria uma propaganda intensa e valiosa em sentido internacional. Quer dizer que os centros officiaes de turismo da Europa devem intensificar sua propaganda nos paizes da America e outras partes do mundo onde se podem formar verdadeiras legiões de excursionistas.

Essa propaganda nem se discute que póde ser realizada por meio da cinematographia e, sobretudo, por menos custosa e de grande alcance, pela imprensa, onde os commentarios podem ser controlados pelo leitor com informações graphicas das capitaes e paizagens que possam interessar ao turista.

A bôa vontade das revistas brasileiras está demonstrada, pondo sempre suas paginas á disposição do turismo; tambem as hespanholas, pois as innumeras informações graphicas que tenho remettido a Madrid, focalizando maravilhosos aspectos do Brasil monumental, sempre foram em grande parte reproduzidas nas paginas luxuosas de "La Esfera", "Blanco y Negro", "Nuevo Mundo", "Estampa" e outras publicações que são o orgulho das artes graphicas hespanholas.

Pois bem; esse serviço de propaganda espontanea não póde ser perenne. Por isso que as publicações graphicas têm que limitar-se a um numero de paginas para inserir uma enorme quantidade de material.

Isso não succederia si os governos subvencionassem os diarios e revistas de maior tiragem, para que estes pudessem, (amparados por uma força economica extraordinaria) augmentar o numero de paginas, assim como tiragens especiaes destinadas á circulação internacional.

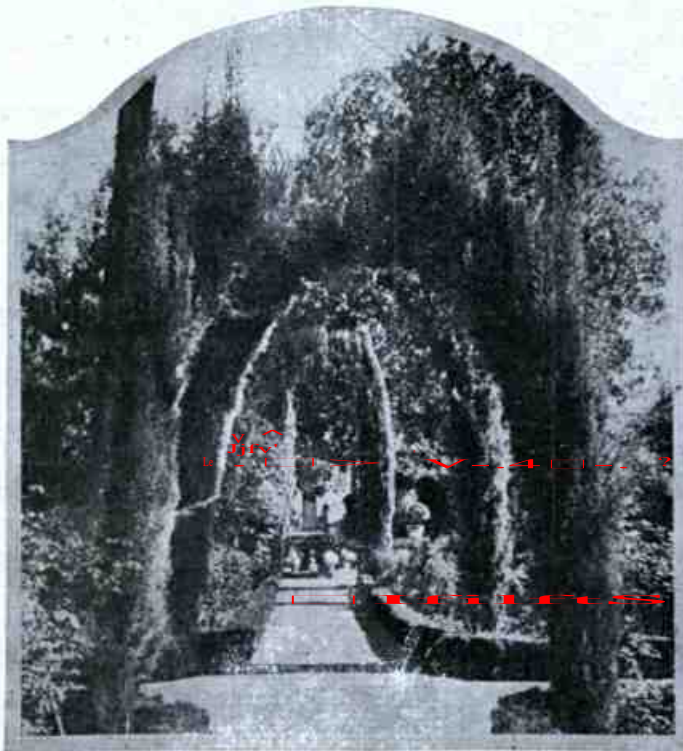
A propaganda de um paiz dentro de seu proprio territorio nunca terá o effeito da propaganda realizada no estrangeiro.

Assim é que o Brasil, talvez o centro mais autorizado para o turismo, de toda a America do Sul, deve ir buscar na Europa o ponto de propaganda. Assim tambem a Hespanha, a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Suissa, a Belgica e a Italia devem, por intermedio de seus departamentos officiaes de turismo, encaminhar toda sua propaganda para os paizes que, como o Brasil, constituem uma das maravilhas mais soberbas para as delicias do turista.

As verbas que a isto se destinem serão as de maior compensação.

O que nos falta são turistas, pois, no que se refere a meios de transporte para os mesmos, chegamos, não sómente á commodidade, mas tambem ao luxo, por intermedio de uma navegação que nos offerece verdadeiros palacios fluctuantes para a delicia dos que sentem o supremo prazer de viajar.

Com destino aos portos do norte e oeste da Europa, ha um sem numero de transatlanticos notaveis e no que comprehende o Mediterraneo, ou seja, onde, a meu juizo, estão situadas as localidades mais indicadas para o turismo, temos sumptuosas naves, como o "Duilio" e outras, que satisfazem aos caprichos mais imaginaveis que o turista possa exigir. Naves que em breves dias deixam o viajante em Barcelona ou Genova e, com rapida baldeação, o conduzem ás regiões imponentes do Egypto, Syria e portos do Levante.

E' desta fórma, pois, que o turismo tomará o incremento que merece. A imprensa illustrada não póde ser esquecida, como principal interventora no turismo, verdadeiro factor para o mutuo conhecimento dos povos.

SEVILHA — JARDIM DO ALCAZAR

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

SENHORITA FUTILIDADE

DA WARNER BROS.

Cinema PATHE' — Bom titulo. Realmente não passa dum ambiente e dum enredo futil! May Mac Avoy é a heroina. Apesar da sua maneira travessa, a idade já não lhe dá azas para fazer destas creações. Não é que seja *velha*. Deus nos livre de affirmar semelhante heresia. Mas aqui ha oito annos seria capaz de realizar este papel com mais vida. No cinema, um anno vale por dez. O filme é alegre, mas não tem qualidades de superior valimento. E', emfim, uma hora de distracção, sem deixar lembrança de maior.

Cotação — SOFFRIVEL

MULHER IDEAL

DA METRO

Cinema ODEON — Um filme delicado, cheio de paixão, de doce sentimentalidade, que é um filme do genero que mais agrada ao nosso mundo feminino. Vilma, aquella encantadora Vilma que foi e é ainda um dos grandes idolos da nossa plateia, enquadra-se maravilhosamente com o seu temperamento delicado, neste papel em que ha resignação, sacrificio, amor e belleza. O argumento, com a superior direcção que trouxe, é de molde a justificar, plenamente, o sucesso artistico que obteve.

Cotação — BOM

ESTA NOITE... QUEM SABE?

(DA?)

Cinema RIALTO — Jenny Jugo, sempre que apparece na tela, transmitte-nos um pouco da sua alegria. Na sua bocca ri toda a mocidade. Se alguma vez nos commove, a maior parte da sua arte provoca o sorriso. O argumento deste filme é um pedaço da vida, entre os filhos da vida farta. Parece que o amor não se dá sempre bem com os milhões. A direcção desta pellicula, que não apresenta grandes exigencias, é sobria e brilhante. Ha talvez um pouco de exaggero em certas situações, excessivamente modernistas, mas a impressão em geral é boa.

Cotação — BOM

AS MULHERES GOSTAM DOS BRUTOS

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — George Bancroft é um dos grandes valores do *écran* arrancado ao theatro. A sua arte é sobria, e embora tenha uma amplitude muito limitada, consegue vencer, emocionar e impôr-se á nossa admiração pela sua formidavel expressão realista. "Ladies love brutes" fica na historia da arte filmesca como um dos seus melhores trabalhos. Pena é que as circumstancias tenham impedido ao publico de lhe prestar melhor attenção. O filme apresenta um vivo e ardente argumento e Mary Astor é uma interprete apaixonada e bella. Excellente a direcção.

Cotação — BOM

RENOVANDO EM SUA PROPRIA CASA A PELLE DO ROSTO

(Da revista "Ladies Favourite Magazine")

Na actualidade qualquer mulher pode em sua propria casa obter o rejuvenescimento de sua cutis por meio de um infallivel processo de absorpção sem dor. A época das operações difficeis e perigosas terminou, e cada mulher póde ser sua propria especialista em materia de belleza. Descobriu-se que a cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), applicada todas as noites como se fosse cold-cream, faz com que as cellulas mortas da pelle velha e descolorida da epiderme desprendam-se paulatinamente em pequenas particulas invisiveis, mostrando a cutis nova, vigorosa e formosa, que se encontra por baixo. Este processo escapa á observação alheia e provoca o apparecimento de uma cutis bella e perduravel. Ocioso será dizer que o resultado é como se fosse natural. E' com este proposito que milhares de mulheres empregam a cêra mercolized, que se pode obter em qualquer pharmacia sem necessidade de recorrer a nenhum dos innumeros crêmes de toilette.

CONCHITA

(Nelson Nogueira Pinto)

DEPOIS que a orchestra se poz a tocar e que o panno fôra levantado, appareceu como uma visão sublime, Conchita, por quem todos esperavam com indisfarçavel impaciencia. E, sobre as pontas dos pés nervosos, sob uma demorada salva de palmas, a endiabrada hespanhola, cujo corpo se assemelhava, não a uma obra da natureza e sim a uma organização mecanica, do homem, pois se retorcia tanto e com tanta ligeireza, que arrancava suspiros sensuaes dos noctivagos, que a devoravam com os olhos, — pulou do palco e, sempre sobre as pontas dos pés, se encaminhou por entre as bancas arrumadas fazendo dançarem, nas orbitas, os olhos negros e rasgados, ao mesmo tempo que sacudia beijos a todos. Seu vestuario compunha-se de uma tunica de lantejoulas que lhe cobria somente parte do corpo. Ella veiu rodopiando, e parou á banca de Velasquez, que a contemplou, extasiado. A sua bocca, rasgada e sensual, mostrava, sob um sorriso de volupia, uma carreira de dentes magnificos.

E, revirando os olhos, Conchita acceitou a taça de champagne que Velasquez lhe offereceu... Depois, a um gesto seu, ella se sentou sobre a banca, emquanto elle a enlaçava pelos contornos. De repente, Conchita ergueu-se da banca, de um salto, e no mesmo instante em que manda um beijo ao rapaz, foi se retorcendo até o palco. Baixou o panno e então nova salva de palmas estalou. Velasquez fitava ainda o panno como si estivesse vendo alli a figura demoniaca de Conchita. Depois, bebeu nova taça de champagne e afogou no liquido os seus desejos. Puxou do relogio e pensou:

— A' meia noite! Sim, ella me disse á meia noite, no camarim.

* * *

Dahi a momentos, Velasquez levantou-se e encaminhou-se ao camarim da bailarina.

Lá, empurrou levemente a porta e ouviu uma voz de mulher pronunciar:

— E's tu, meu amor?

— Sim, sou eu, Conchita.

Num instante, Velasquez estava á frente de Conchita, que penteava os cabellos negros, sentada defronte ao *toilette*. Elle ergueu-a da cadeira e, tomando-a nos braços, beijou-a demoradamente. Estavam assim, ebrios de desejos, quando um reposteiro se entreabriu e uma figura de mulher, moça ainda, mas com apparencias de envelhecida devido a provaveis soffrimentos, surgiu como por encanto. A mulher fitava, com olhos terriveis, Velasquez, que recuou, exclamando:

— Rosita!

— Sim, Velasquez, sou eu, — Rosita!

E, apontando para Conchita, que se separára do amante:

— Velasquez, Conchita — tua filha! Tu nos deixaste na Hespanha. Sós, sem meios, fiz da nossa filha uma bailarina. Do contrario, teriamos morrido de fome. Tudo por tua causa! Vês? Que destino cruel, hein? Tu, o amante da tua propria filha?

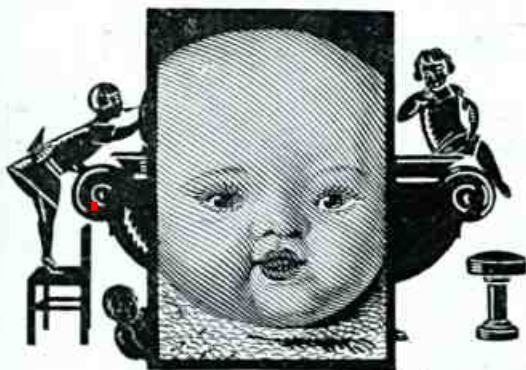
E para Conchita, aterrada:

— Conchita — Velasquez é teu pae...

Conchita cahiu ajoelhada aos pés de Velasquez, e, em soluços, abraçou-se ás suas pernas, que fraquejavam, e lh'as beijava. Velasquez, petrificado, com os olhos vitreos, mirava Rosita e afagava os cabellos negros da bailarina. Depois, afastando-a, sahiu do camarim e andou sem destino certo pelas ruas desertas. Chegou á sua residencia quasi ao amanhecer. Mas o creado, ao abrir a porta ao patrão, ficou mudo de espanto deante da transformação deste, com os olhos esbugalhados, os cabellos em desalinho e tremendo de uma maneira esquisita. Quiz correr, mas elle o segurou por um braço e depois o estrangulava.

Velasquez estava louco!

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM A OS ANEMIADOS,
VELHOS, CONVALESCENTES.

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO-PARIS

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saude.

Chama-se : **"Pilules Galton".**

Papada, bocheda, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de **"Pilules Galton"** *perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto. »*

O Snr. E. B., de Montbard:

« Tenho emmagrecido tre kilos dentro de 77 dias com as **"Pilules Galton".** *Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fôrma alguma. »*

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar : ha de tomar **"Pilules Galton";** o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6 1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phᶜⁿ, 45, Rue de l'Echiquier, Paris-Xᵉ

Agente Geral : **A. de COURNAND**

118, Rua da Alfandega, **Rio de Janeiro.**

A venda em todas as pharmacias e drogarias.

PEÇAM-NO SEMPRE PELO NOME

O Môlho de "LEA & PERRINS"

— O ciúme, disse Tévenec, o bretão, não é o que o povo pensa. Elle não tem, necessariamente, como ponto de partida, uma paixão sensual; posso falar com sciencia, tendo quasi perdido a vista, e talvez a vida, na mais singular historia de mulher.

— Oh! — zombou Jacques Bartlagne — uma historia de mulher! E acabas de dizer que não se trata de uma paixão.

— E' que a mulher não desempenha o primeiro papel; direi que não desempenha senão um papel episodico.

— Propões uma charada, disse Clave, e fazes trocadilhos. O ciume, meu caro, o verdadeiro, o bestial, que mata e destroe, é de origem passional. Elle apparece como uma especie de onda avassaladora, e a inveja, a sua irmã, que é, sem duvida, a heroina de tua historia, não será nada ao lado delle. Entretanto, pois que teu lábio treme de impaciência para me contar a tua curiosa aventura, começa a tua narrativa.

— E' que, disse Bob, Tévenec tem medo de comprometter uma mulher.

— Mil vezes não, exclamou Tévenec. Demais, a mulher não teria de que enrubescer, pois que traz hoje o nome do vosso creado e, em tudo isso, o seu papel é somente episodico. O heroe foi um homem que vós conhecestes, o pobre Marcelo Linange...

— O bello Linange? — fez Clave.

— O bello Linange, o mais amavel da terra, de quem fui amigo, durante dezoito annos. Começámos a nossa amizade no lyceu, na idade das aventuras, e fizemos juntos os nossos castellos e construimos os nossos sonhos... Os sports, meus bons amigos, ainda não estavam na moda; era preciso roubar a vigilância dos mestres, dos paes, as corridas no campo, os bondes, os jogos e os combates. Linange se prendeu a mim pela minha audacia, irmã da sua, pela tranquilla segurança com a qual eu encarava as punições e admoestações. Qualquer que fosse a aventura em que um de nós se encontrasse, o outro acceitaria e tomava a sua parte. O pateo do lyceu viu, assim, combates homericos em que Linange e eu lutavamos, dois contra vinte e, palavra de honra!, sempre desfavorável a nós.

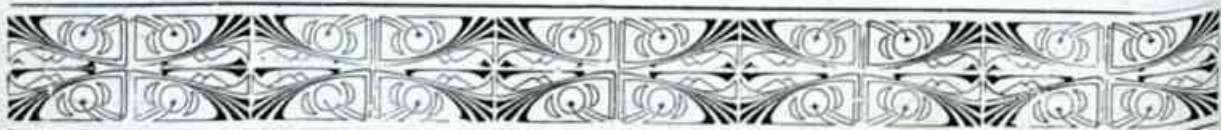
— Tu te vingas, Tévenec.

— Tu sabes que não, Bob, e "a quatro passos daqui eu te farei sabel-o."

— Obrigado, disse Bob.

— Em seguida, proseguiu Tévenec, Linange e eu ficámos rapazes, e nunca mais nos abandonámos. Vós sabeis tudo, por experiencia, que nada cimenta a amizade como a forte vida sportiva, levada em conjuncto: as viagens a pé, a cavallo, a bicycleta, as corridas á vela, as bellas secções de nado, nas quaes se atravessa a Mancha ou o Hellesponto de modelo reduzido. Tinhamos uma existencia encantadora, mas para a qual, em definitivo, Linange estava em melhores condições do que eu. Elle não necessitava de se crear uma intimidade, no lar: a vida ao ar livre, com um companheiro aventuroso; a chegada ao meio dia, á noite, á sua casa; a partida ao amanhecer, sobre a prôa de um veleiro pelo mar tranquillo, era este o seu bello ideal...

"Eu si bem que apaixonado por todas as bôas coisas tenho a alma mais terna, e não pude resistir aos encantos da pequena Lily Dorient, com a qual dançava nos bailes de familia, quando ella não era ainda senão uma graciosa garota, e que encontrei em sociedade, mais linda que um astro transbordante de espirito. Não tive tempo de reflectir nisso, quando nos fizeram noivos.

"Eu estava contente, e levei a noticia, ainda fresca, a Linange. Elle me acolheu friamente. Não dei attenção a isso, e apresentei-lhe a minha futura esposa. Ella lhe sorriu, e elle lhe retribuiu o sorriso e se mostrou encantador, si bem que Lili me fizesse a melhor referencia a elle. Do seu lado, Linange me disse coisas gentis sobre ella. Tudo parecia estar muito bem, e tudo me levava a crer que Linange estaria a meu lado, no dia de meu casamento, que seria a minha

testemunha, que Lily entraria nos casos de nossa vida como um *sportman* de força. Formei-me assim uma felicidade que me fazia chorar de ternura. Semelhante coisa não me aconteceria hoje... Mas ide suspeitar de um rapaz de vinte e cinco annos! Ignorava a arte de fingir, e não era bom observador para ler no fundo das almas.

"Lily e eu tinhamos obtido de nossos paes licença para fazer, nas primeiras horas da tarde, um passeio de bicycleta.

"Aproveitavamos esse ensejo para chegar ao cahir da noite, no momento em que começava o jantar. Ganhava nesse passeio alguns beijos roubados, pelo menos, de Lily. Pelo menos ella pretendia que eu os roubava, quando a auxiliava a montar a bicycleta. Ella estava sem defesa. Pobre Lily!

"Uma noite, como viessemos de fazer alto e eu a punha sobre o selim, procurando a occasião propicia de lhe roubar um beijo, um tiro me passou deante dos olhos e alojaram-se quatro chumbos no meu hombro, emquanto uma parte da carga, afflorando á nuca delicada da minha companheira, produziu tres ou quatro arranhaduras, começando uma dellas a sangrar abundantemente. Todas essas feridas eram leves; mas, no primeiro momento, não me apercebi disso e soltei um rugido de dôr, ao ver o seu rosto se contrahir.

"— Asseguro-te que isso não é nada, disse ella, no meio de soluços.

"Depois, toda a gente queria saber o que fôra aquillo. A espingarda foi encontrada detraz de uma touceira. Depois alguem disse:

"— Encontrei um cyclista que fugia a toda a velocidade, sem lanterna; foi elle, de certo, quem deu o tiro.

"Quando ouvi isso, deixei Lily nas mãos de uma vizinha, que se encarregara de reconduzil-a á casa. Saltei para a minha machina e parti velozmente. A disposição dos caminhos é tal, no logar, que se póde, num percurso de vinte kilometros, seguir um delles, afim de chegar mais depressa. Todos os outros vão ter a locaes altos, montes, collinas, etc. Ora, pensei logo que um assassino deveria procurar o melhor caminho para fugir.

"Esse calculo foi bom, uma vez que, no vinte e um kilometro, percebi de longe um homem que, com um phosphoro na mão, e montado numa bicycleta, tentava ler as inscripções de um poste indicador.

"— Canalha! — vociferei.

"Gritei muito cedo, porque o homem teve tempo de saltar sobre a sua machina e voar dali. Foi uma corrida louca. Elle estava longe de mim e avançou, guardando sempre essa distancia. Eu estava estupefacto, pois rolava a toda a pressa, loucamente. Mas emfim elle cansou e segundos depois eu o tinha pela garganta. Elle se defendia corajosamente. Mas que fazer, asphixiado como estava? Mantenho-o sob o joelho, e procuro phosphoros para lhe ver o rosto.

— "E' inutil, disse elle, com uma voz rouca; sou Linange.

— "Linange! — exclamei.

— "Sim, tu me podes entregar á justiça. Mereço a minha sorte: eu estava enciumado da pequena.

— "Linange, dize, tu a amas?

— "Eu, amal-a? Detesto-a!

— "Então?

— "Estava enciumado de ti, de nossa bôa camaradagem, que ella nos roubava.

— "Que horror!

"Mas eu me sentia mais commovido do que desejava parecer.

— "Tenho sangue arabe nas veias, por parte da minha avó, murmurou elle. A vingança me pareceu muito doce... Em recordação da nossa amizade, queres dar-me vinte e quatro horas para desapparecer daqui?

"— Dou-te toda uma existencia, disse eu, chorando. E a pequena não me contradirá. E' o que deves soffrer!

"Elle respondeu com um soluço. Eu o havia deixado. Elle estava de pé.

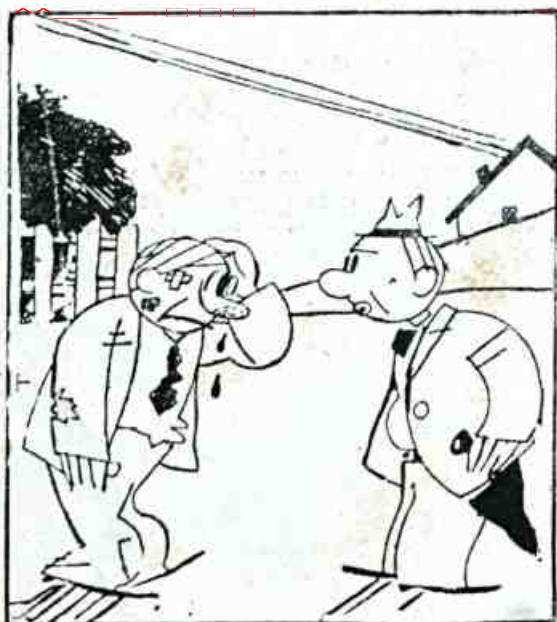
— "Tu me perdôas? — disse elle.

— "Sou teu amigo, respondi."

... ...

— Mas nunca mais o vi. E não teria falado delle si não tivesse sabido da sua morte, ha poucos dias, por uma noticia banal.

— Que Allah tenha a sua alma! — disse Bob.

ESPÍRITO ALHEIO

— Homem de Deus! Como vem você! Quer que o acompanhe até em casa?
— Não; muito obrigado. Pois si eu venho de lá mesmo!

O marinheiro (ao outro, no momento em que sôa um trovão.) — Vamos, homem! Queres ou não queres prestar attenção ao jogo?

— Por que me olha tanto este cão, emquanto como?
— E' que... está reconhecendo o prato em que come...

O que nem todos sabem

Durante a limpeza do grande transatlantico "Olympia", 1.450 pintores estenderam 400 toneladas de tinta sobre cerca de 10 kilometros de madeira e ferro; gastaram 4 toneladas de sabão para lavar toda a roupa de bordo, assoalhos e dez mil peças de electroplate.

* * *

Um fabricante de sabão da Suissa empregava, logo depois da guerra, para embrulhar os seus productos, notas de bancos austriacos, que, naquella época, ficavam mais em conta do que o papel vulgar.

* * *

O chá e o café, tomados com moderação, estimulam a acção do coração e do cerebro e augmentam a faculdade de trabalho.

* * *

A chefatura de policia de Londres declarou que as impressões digitaes, consideradas até agora como infalliveis para identificar os criminosos, são actualmente falsificadas por espertalhões, por meio de sellos de gomma, de cêra e até de miolo de pão.

* * *

As ostras não têm tanta materia alimenticia como, em geral, se suppõe, pois é necessario duzia e meia de ostras para reunir o valor nutritivo de um ovo.

* * *

A bocca do caracol tem uma lingua como uma serra, que se enrola como uma cinta, em cuja superficie ha trinta mil diminutos dentes.

* * *

As moedas da Coréa levam, ás vezes, inscripções raras e incomprehensiveis. Uma dellas diz: "Sempre passivel moeda corrente". Outra: "Pelos quatro lados". Suppõe-se que esta ultima quer dizer que a moeda é boa para circular pelos quatro pontos cardeaes.

* * *

No centro das possessões inglezas da Africa Oriental constituiu-se um club em pleno deserto. Apesar da situação, foi illuminado com luz electrica. Os socios fundadores adquiriram um terreno que faz parte dos bens do club, e, nesse terreno, ha bosques, rios, lagos e espessas mattas onde os socios podem dedicar-se aos prazeres da caça maior, de feras selvagens.

* * *

Yankees era o nome que os confederados davam aos federaes, durante a guerra civil na America do Norte, e quando o mesmo é usado para designar os cidadãos dos Estados Unidos, em geral, está errado.

Como morreram grandes homens

"... Ver bem, não é ver tudo:
é ver o que os outros não vêem."

José Americo de Almeida.

COM o titulo acima, publicou Gastão Franca Amaral um volume de 0,12 x 0,17, com 135 paginas. O papel é bom e presta-se admiravelmente á impressão. Mesmo na escolha do typo, o autor teve gosto.

Pelo lado material, vê-se claramente que é um tômo que convida o leitor a leval-o para a leitura do bonde.

Este é um dos cuidados de Gastão Franca Amaral. Os seus livros são sempre portateis: *Horror á fórma humana*, *As bellas-artes*, *Dosimetria mental*, *A sorte* — todos são de tamanho razoavel e versam sobre assumptos de muito interesse.

Por ahi vemos que o autor é psychologo, porquanto comprehende que a geração de hoje é um tanto avêssa a volumes que necessitam de vehiculo especial para transportal-os.

Gastão teve, tambem, o cuidado de não fazer trabalho indigesto: escolheu assumpto leve, inedito em nossa literatura, e, sobretudo, edificante. Varios e excellentes predicados, portanto, reuniu o burilador do magnifico e profundo trabalho intitulado *Horror á fórma humana*, em o seu novo volume: *Como morreram grandes homens*.

Deduzimos, logo á primeira vista, que o escriptor patricio não quiz seguir o methodo de muitos de seus confrades, que, sem a minima parcella de espirito christão, andam a distribuir indigestões literarias a quem mal nunca lhes fez. Por mais esta qualidade, os nossos parabens.

Vamos ao assumpto.

Este livro é "... formado de descripções, de relatos dos ultimos dias, dos ultimos momentos, de homens celebres", o que, por conseguinte, não poderá (continúa o autor) ser destituido de interesse, pelo menos, para os letrados, aos quaes sempre interessa tudo que a elles se refere.

"E não só sob o ponto de vista desse interesse, isto é, da satisfação de uma forte curiosidade, parece-nos o livro util. Sob o ponto de vista do conforto moral — a sua utilidade é patente."

Continuando ainda, o laborioso literato diz que: "A morte é, quasi sempre, descripta pela literatura, mormente a romantica — como coisa pavorosa". Não é verdade, affirma Gastão Franca Amaral. Tem absoluta razão; não resta a menor duvida, pois, diz o dr. Miguel Pereira, citado pelo joven patricio, "Como nol-a cantaram os poetas de abusiva imaginação e como nol-a descreveram os prosadores de destemperadas metaphoras, a agonia não corresponde a nenhum facto real, que a observação autorize e ratifique".

Eis o objectivo de *Como morreram grandes homens*: provar, com factos concretos, essa verdade. Isto é, que a morte não é tão feia quanto a pintam, e que, pelo contrario, serve de conforto, tal a serenidade consoladora com que as almas não envenenadas deixam o corpo para voltar á Eternidade.

Não ha duvida que "... Ver bem, não é ver tudo: é ver o que os outros não vêem", como disse o magistral autor d'*A bagaceira*.

Foi exactamente o que se deu com o intellectual carioca: viu na morte motivo de conforto espiritual, em verdadeiro contraste com a maioria dos mortaes, que encara esse phenomeno como um monstro execrando, um phantasma!

Não fôra Gastão cultor ardente da philosophia, não teria, provavelmente, uma visão literaria penetrante como teve; ou, para melhor dizermos, não realizaria um emprehendimento philosophico, como seja coordenar as informações dos ultimos momentos dos grandes homens.

Sim! Dissemos emprehendimento philosophico, porque o autor divisou os horizontes de além da materia e encontrou conforto moral num phenomeno que, apesar de velho como a vida, tanto apavora consideravel parte da humanidade.

Como se vê, é um livro util, edificante, consolador e accessivel a qualquer mentalidade. Para comprehendel-o, não é necessario cursar academias. Para possuil-o, tambem não é preciso ser rico...

E', portanto, um fructo literario que, além de harmonizar-se com a bolsa do pobre, é recommendavel a qualquer constituição intellectual, podendo, como estamos a ver, ter entrada em todos os lares, com resultados beneficos.

De Luthero, Dante, La Fontaine, Tasso, Voltaire, Rousseau, Goethe, Mozart, Napoleão, Beethoven, Byron, Tolstoi, Dostoiewski, Chopin, Victor Hugo, Maupassant, José de Alencar e varios outros eminentes vultos do universo, ahi encontramos a descripção dos seus derradeiros momentos, da passagem desta para o outro mundo.

Não podemos occultar que lemos *Como morreram grandes homens* com immensa satisfação, e mesmo com prazer religioso. Com esta leitura tivemos a agradabilissima e santa opportunidade de conhecer o testemunho mais verdadeiro da fraca natureza humana, como que representada por um conjuncto de personalidades de escól.

Ninguem, por certo, duvidará da sinceridade das ultimas palavras do moribundo. Por isso é que dissemos que folheamos esse novo volume do nosso conpatriota com prazer religioso.

Todavia, a imprensa e a abalizada opinião dos criticos, como Humberto de Campos, Heitor Pereira, Mucio Leão, Fabio Luz, etc., têm feito justiça ao esforço do autor.

Estamos que o ultimo livro de Gastão Franca Amaral vae além da sua espectativa. Essa obra, pelo que temos observado, ha conseguido transpôr os humbraes dos circulos literarios, caso pouco commum entre nós. Varias pessoas, quasi refractarias aos deleites intellectuaes, nos têm perguntado em que livraria se acha essa obra á venda e qual o seu preço. Maior homenagem não se pode desejar a um escriptor: o applauso dos letrados e a sympathia insuspeita dos indifferentes ao movimento literario.

O lamentavel, entretanto, é que a maioria das pessoas que nos têm visto com o volume de Gastão, em vez de nos indagar onde é que elle se encontra á venda, limita-se, tão somente, a nol-o pedir emprestado. Quer dizer que, por um lado, o autor deve exultar, de alegria pelo exito alcançado; por outro, deve entristecer profundamente.

No Brasil, quando um publicista consegue exito, temos a impressão de que a sensação que elle experimenta deve ser identica á de uma criatura normal deante de um grande incendio!

Queira Deus não venha a ser isso pedra de tropeço ao progresso intellectual brasileiro e para nos privar tambem do salutar conforto moral de mais alguns volumes de Gastão, do mesmo genero.

Agora, entretanto, sem que tenhamos a menor intenção de fazer as vezes do morcego, ou de magoar o distincto literato, ou de querer diminuil-o, não podemos, mesmo de passagem, deixar de dizer que

relermos os seus livros, como *As bellas-letras*, *A sorte*, etc., notamos (si bem que o nosso escôpo seja só transmittir a impressão que nos causou a leitura desse novo tômo) que o illustre artista, sempre absorvido com idéas philosophicas, descura um pouco do estylo e, ás vezes, de certos preceitos philologicos e grammaticaes. Trata-se, naturalmente, de um descuido, por isso talvez esta nossa lembrança valha mais que um esquecimento.

A verdade, porém, é que antes muito fundo e pouca fórma, que muita fórma e pouco fundo.

Fechando este parenthesis, concluimos felicitando o illustre pensador Gastão Franca Amaral e a literatura brasileira, pelo apparecimento de *Como morreram grandes homens*.

Afonso Freire.

O Verdadeiro D'Artagnan

De A. PAIS

ENTRE todos os nomes gloriosamente legendarios, talvez o mais popular em França e algures seja o de D'Artagnan!

Com esse nome se distingue nas jaulas o leão mais ferino; e as modistas denominam com elle os grandes chapéos de feltro com pluma, que as senhoras compram para tomar um ar marcial.

Quantos leitores se divertiram e se commoveram com as vicissitudes do valoroso d'Artagnan e dos seus denodados companheiros, immortalizados pelo grande Dumas! Foram, na verdade, figuras heroicamente estranhas esses "mosqueteiros", devotados á causa do "rei", e cujo renome encheu o seculo XVIII. Elles tomaram parte em todas as guerras e sempre nas primeiras filas. Os mosqueteiros ou guardas do rei dividiam-se em duas companhias, a primeira das quaes não tinha nem ao menos o uniforme de ordenança! Quando o rei queria passar uma brilhante e vistosa revista, indicava-lhes o vestuario.

Uma vez — conta o seu historiador, senhor De Jargnan — o rei ordenou que a companhia se apresentasse com uniforme de "buffle", e de facto os mais ricos entre os mosqueteiros cobriam de diamantes as suas mangas.

Era preciso ser rico deveras para não se apresentar de um modo desfavoravel naquelle "corpo escolhido"!

Colbert combateu o luxo dos mosqueteiros e escreveu um Memorial que mandou ao rei em 1667. "Quando um mosqueteiro que tem um simples saldo — gasta todo o seu saldo de 220$000 em ornamentos inuteis, com que viverá elle o resto do anno? E' preciso que, ou pelo amor ou pela força, elle viva nas costas de outrem."

Eis a explicação de tantas prodigiosas aventuras nas quaes os mosqueteiros queriam achar ao mesmo tempo a fortuna e a gloria.

O famoso D'Artagnan era um authentico gascão. Nasceu entre 1610 e 1620, em Castelmore, de uma familia modesta de fidalgos bastantes pobres; chamava-se Carlos De Batez e foi para Paris, como de resto faziam todos os seus compatriotas, ahi pelo anno 1640, para adquirir uma posição.

Recebeu dos seus, como elle deixou escripto nas suas proprias memorias, um "cavallinho" que valia uns 20 mil reis e a quantia de 10 escudos. Na viagem o "nosso rapaz" perdeu numa briga o cavallo e a bolsa.

"Eu tinha empregado — disse elle — uma parte do dinheiro para vestir-me com elegancia e não tinha esquecido a tradição do paiz, que é a de ter sempre, mesmo quando não se tem um vintem no bolso, a pluma ao chapéo e o laço de fita ao pescoço."

Apenas chegado a Paris, elle se faz logo notar por ter sustentado com honra uma porção de duellos dos quaes sahiu sempre victorioso, tanto que o rei, informado disso, lhe dá 50 luizes de presente.

Entra como cadete no regimento da guarda franceza e toma, desde esse momento, o nome de D'Artagnan, que é o de uma propriedade pertencente a sua mãe e que o seu tio materno Henrique de Montesquieu tinha illustrado no mesmo regimento.

Elle fez sempre honra á sua profissão de soldado; e mais tarde Mazarino teve tanta confiança nelle, que o nomeou chefe de diversas missões delicadas tanto em França como no exterior, fez delle uma especie de "correio do gabinete".

O zelo esforçado no serviço do primeiro ministro valeu-lhe, em 1655, o posto de capitão da "guarda franceza", cargo que elle deixou tres annos depois, para passar a tenente dos mosqueteiros do rei.

Em 1660, acompanhou, a S. João da Luz, Luiz XIV, que ia desposar Maria Thereza, e figurou á frente da sua companhia no cortejo real, quando os jovens esposos fizeram a sua entrada solenne em Paris, no meio das acclamações do povo.

Naquella época, elle casou-se com Anna Carlot de Chaulecy, senhora de Santa Cruz, viuva de messer João Lauro, Dumas, cavalleiro e senhor de Chayette-Gesssy Besme e Tresmont, que lhe levou em dote 9.000 francos. Teve dois filhos, facto que não impediu aos dois esposos de se separarem, depois de alguns annos de vida em commum.

Foi D'Artagnan encarregado de prender Fouquet, de leval-o á Bastilha, de vigial-o e de internal-o na fortaleza de Pigneral.

Foi ainda elle quem teve de prender Lauzun. Era então capitão da primeira companhia dos Mosqueteiros, posto que lhe rendia cerca de 40.000 escudos.

Em 1662, foi elle nomeado governador de Lille, na ausencia do marechal d'Humieres. Em 1625, no cerco de Bourbourg, em Flandres, foi ferido por 3 projectis, que lhe atravessaram a roupa e um varára-lhe o chapéo, e, em 25 de junho de 1673, encontrou a morte deante de Maestricht.

Um dos seus biographos escreveu nessa occasião: "D'Artagnan e a gloria têm o mesmo tumulo" — Luiz XIV elogiou-o muito e chorou-o. Saint-Simon poude dizer que, sendo elle muito favorecido pelo rei, poderia fazer uma grande fortuna; e, de facto, si elle tivesse vivido, obteria o "bastão de marechal de França" em recompensa dos seus serviços.

Um padre bolonhez — que visitou a França em 1665, descreveu D'Artagnan com todo o fulgor da sua gloria, quando elle fazia evoluir o seu bello regimento de mosqueteiros na planicie de Saint-Denys para o grande contentamento dos curiosos parisienses ali reunidos.

As compridas casacas azues com grandes cruzes de prata, recamadas nas mangas e no meio das costas, sobresahiam sobre os cavallos ruços ou baios cobertos com gualdrapas roxas ou azues, trazendo bordado aos quatro cantos um sol de prata, ou um L cercado de ouro.

A' frente do regimento, estava o capitão, o chapéo de feltro ricamente emplumado, coberto de rendas e de fitas, "enfeitado como um altar, conta Courtel quando descreve, por sua vez, a entrada triumphal em Paris de Luiz XIV e de Maria Thereza, que voltavam da celebração das nupcias em S. João da Luz.

Uma das coisas mais interessantes é a noticia a respeito da casa do famoso D'Artagnan. Até a sua morte o bom capitão dos mosqueteiros viveu, de facto, com a sua creada Fiacrine, na sua casa na greve da Grenavillere, isto é, perto da embocadura da Rue du Bac

Bem estar
Hygiene
Saude
ASTREA
NAS PHARMACIAS E PERFUMARIAS

Não tema mais os resfriamentos.
Graças ao Goudron Guyot especifico por excellencia das
VIAS RESPIRATORIAS
CONSTIPAÇÕES - DEFLUXOS
Tosses - Bronchites - Catarrhos
Affecções da Garganta e dos Pulmões
são combatidos com successo pelo
GOUDRON GUYOT
Exigir o verdadeiro GOUDRON-GUYOT e afim de evitar qualquer erro, olhai para o rotulo; o do verdadeiro GOUDRON-GUYOT leva o nome GUYOT impresso em grandes letras et a sua assignatura em tres cores: violeta, verde e vermelho, e em diagonal, assim como o endereço de: Maison FRÈRE,
Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1937

Quinium Labarraque
Approvada pela Academia de Medicina de Paris
Deposito: Maison FRÈRE
19, rue Jacob, PARIS
Venda a retalho: Em todas as Pharmacias

— não longe da caserna dos mosqueteiros, que, ha uns quarenta annos atraz, ainda se podia ver á esquina dessa rua e do "quai" Voltaire.

Essa casa não era luxuosa nem grande: devia ser uma das que se faziam de fachada estreita e muito altas, como se vêem ainda nos velhos quarteirões de Paris. Entretanto, A parte de entrada que está em baixo, no primeiro plano, conduz ao pateo que serve de cocheira; alli estão dois coches, um grande de dois bancos — isto é, de quatro lugares, forrado de velludo verde, com ramagens sobre o fundo rosado como a aurora — com almofadas, cortinas de Damasco verde-escuro e quatro espelhos de Veneza, dois ás portinholas, dois sobre a deanteira. O outro coche, menor, de dois assentos, é forrado de damasco vermelho.

Sobre o pateo dá a cozinha e o quarto dos creados, que póde servir de despensa ou de sala de jantar; depois, a cozinha com vazilhame de estanho, uma mesa grande, uma arca, um armario e uma especie de escrivaninha; além, um outro quarto, com uma caminha baixa, pertencente a Fiacrine Pinou, a creada.

No primeiro pavimento, precedido de uma ante-camara, ha um quarto espaçoso com uma cama grande de magestosas columnas; as paredes são forradas de um bello estojo de Flandres, com ramagens verdes; no guarda roupa contiguo estão alinhadas uma mala e uma caixa de viagem de couro, dous pares de sapatos, um sellim e um freio.

O aposento de D'Artagnan acha se no segundo pavimento. Na ante camara estão uma mesa, nove cadeiras, dois armarios e uma caminha, onde dorme certamente o seu fiel creado Bertrand Gervais. O quarto do patrão é, como o do pavimento inferior, forrado de uma fazenda avelludada de Flandres, igualmente verde como a outra; atraz de um biombo, está a cama grande e alta, encimada por um grande quadrado de onde pendem cortinas de brocado de sêda de listas e de flôres.

O resto da mobilia consiste em cadeiras, poltronas, bancos e algumas mesinhas cobertas de "maquette"; um espelho de 30 pollegadas de comprimento e um retrato de Anna d'Austria estão dependurados ás paredes.

As janellas dão para o rio. Que vista deliciosa! O rio, sulcado por innumeros barcos, corre banhando a longa galeria do Louvre — as arvores cortadas redondas como globos, como pyramides, como piões de xadrez — indicam o esplendido e grande jardim das

O verdadeiro D'Artagnan

(Conclusão)

Tulherias; mais longe, perfila-se massiço o Pont-Neuf com o cavalleiro de bronze, Henrique IV, e deus dos gascões; e, mais perto, defronte á rua de Beaune, a ponte Rage, guarnecida de barras de ferro que poupa aos transeuntes da margem esquerda que desejem atravessar o rio, o embarque em botes ou a grande volta pela rua Dauphine.

O inventario, ou o processo verbal, enumera o guarda-roupa do bello mosqueteiro.

Quantos casacos de velludo bordados a ouro ou á prata; quantas calças de camurça, de velludo, de panno de Hollanda, de sarja e guarnecidas de finissimas rendas com botões de ouro e de prata; que fileira de bellos gibões, de capas de velludo ou de panno de Hespanha, e rosêtas de fitas!

Quantas meias de sêda, quantas luvas de pelle guarnecidas de rendas pretas!

Eis um roupão de quarto á turca forrado de setim verde; e, para as cerimonias officiaes, são os casacos de brocado sobre fundo de ouro e pequenas flores de prata.

Eis ainda uma bandoleira de couro, uma coberta de cavallo, dois coldres para as pistolas, tres espadas, uma com o copo de ouro fosco; uma outra mais modesta, com o copo de latão; uma outra ainda de ferro polido.

Alguns objectos de religião, mas nenhum livro! Nem um escudo! De literatura e de amo não precisa o dono da casa e sobre este ponto, nunca homem algum foi melhor descripto do que este, por um inventario. »

Em materia de papeis não se encontram senão titulos de nobreza, o seu contracto nupcial, folhas de ordem. Mas não esqueçamos nada: o processo verbal menciona até uma pequena bolsa.

Não esqueçamos que D'Artagnan tomava rapé; entre os autographos do bello capitão dos mosqueteiros cita-se uma carta que dava luminosamente, si fosse preciso, a sua origem gascã:

"J'ai cru — escreve elle a Louis, — que vous trouveriez boun que je vous die que je croy qu'il est du service du roy, que dans la fin du mois nous abandonnions le vieux rempar de la ville de Lille du costé de la ville nuve".

("Eu julguei que o senhor acharia justo que o informe que é de vantagem para o rei, que nós no fim do mez abandonemos a velha muralha da cidade de Lille, que está situada do lado da cidade neva.")

"Aqui estão — diz o seu biographo — cinco "que" ao serviço do rei na mesma phrase!"

*

E dos valorosos companheiros de D'Artagnan não se poude encontrar vestigio algum para reconstituir-se a sua identidade, o seu justo caracter? Em parte somente.

Está bem estabelecido que Athos, Porthos e Aramis existiram realmente, e que esses eram realmente os seus nomes. A' margem direita do rio d'Oloron ha uma aldeiasinha situada a dois passos de Sauveterre, no Bearn, que se chama Athos, pertencente a Armando Sillegue, senhor de Athos, mosqueteiro da guarda do rei até 1640. Morreu em Paris, na parochia de St. Sulpice, 1643, provavelmente em duello.

O verdadeiro nome de Porthos, originario de Pau, foi Isaac de Portau; entrou nos mosqueteiros em 1639. E foi igualmente mosqueteiro um Henrique d'Aramitz, que se casou e teve dois filhos e cuja descendencia vive ainda.

O capitão de Troisville, ou Treville, não é tambem um personagem creado pela fecunda phantasia de Dumas. Tio de d'Aramitz, elle foi porta-bandeira da guarda, assistiu ao cerco de La Rochelle, onde foi ferido, commandou os mosqueteiros em 1634 e foi nomeado marechal de campo em 1636, morrendo depois em 1672.

O seu bisneto, conde de Montreal-Troisville, vive ainda na Gasconha, no gracioso castello construido outr'ora pelo capitão dos mosqueteiros.

*

Estes estudos criticos sobre heróes dos mais famosos romances historicos francezes são ao mesmo tempo interessantes e instructivos. Mostram como se póde ao mesmo tempo tomar como base qualquer facto veridico sobre os mais importantes personagens e fazendo trabalhar a imaginação tirar dahi em seguida aventuras tão interessantes que façam apaixonar pela historia que transparece através o romance.

Eis por que respingando as realidades na vida dos heróes de um livro que se lê de uma assentada e não cahirá nunca no esquecimento, se poderia intitular esse livro como uma especie de paradoxo: "Historia verdadeira dos heroes de um romance".

VERSOS

DANÇA...

— *Berceuse* — *para... bacchantes...*
Tragedia tornada em som...
Infidelidades de amantes...
Musica que tem o dom
de entristecer-nos um — pingo...
Choradeira de "gringo"...
Agre-doce morango...
Tango...

Hysterismo de metaes...
Sonoridade fanhosa...
Reminiscencias das antigas bacchanaes...
Barulheira caluloza...
Musica dos oitenta andares...
Rythmo que ordena aos pares:
"Desloque-se"...
Fox...

Lembrança de tempos idos...
Rythmos velhos, perdidos,
delicia de nossos paes...
Notas soltando ais...
Caricias de mulher falsa...
Valsa...

Nostalgia de preto...
Conjunto de requebros feios...
Loucos saracuteios...
Desconjuntamento de esqueleto...
Terpsychore de perna bamba...
Samba...

LUIZ DA COSTA AMARAL.

AMOR PERFEITO

Amor-perfeito é a flôr que o teu recado
De amor me traz, se me offereces uma.
E é bem que seja assim, porque costuma
Sêr toda flôr um symbolo extremado.

Essa do peito teu, do teu agrado,
Gracil, mimosa, encantadora, em summa,
Diz melhor, sem odor, do que nenhuma
Teus extremos no idyllio sublimado...

Auri-violácea e branca, ou toda escura,
Traz-me á lembrança um coração discreto,
Affectuoso, meigo e soffredor;

E, ao recebêl-a, a mim se me afigura
Que o que recebo é o teu pudico affecto,
Teu coração transfigurado em flôr!

(*Do livro "Aljôfares"*).

OTHONIEL BELLEZA

URUBÚ

Vejo-te, rei — o espaço dominando
Com a tua mancha negra e movediça...
Mas — vassalo, tambem, te mostras quando
Com volupia devoras a carniça.

Que és um bicho nauseoso e miserando,
Diz a turba, fazendo-te injustiça:
— As azas com que o azul vaes recortando
Quanta gente ha, no mundo, que as cobiça!

Amas, é certo, a carne podre, apenas
Quando desces á terra, onde ella existe
Corroida de vermes e gangrenas.

Mas, no infinito, ó côrvo, és bem mais nobre
Que muitos homens, cujo amor persiste
Na podridão moral que a alma lhes cobre!

ISIDRO NUNES

CASA GUIOMAR

CALÇADO "BADO"

É o expoente maximo dos preços minimos.

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

…0$000 — ULTRA modernissimos e finos sapatos em superior e fina pellica envernizada, preta, com linda fivella da mesma pellica, forrados de pellica branca, salto Mexicano, proprios para mocinhas — De ns. 32 a 40.

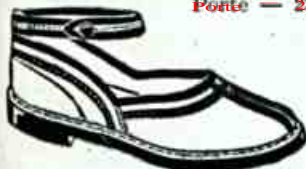
…2$000 — O mesmo modelo em côres: beige, marron ou beige escuro, com o mesmo salto — De ns. 32 a 40.

30$000 — RIGOR DA MODA

Lindos e modernos sapatos em fina pellica envernizada preta com lindo debrum de couro magis e lindo laço, debruado, proprios para mocinhas, por ser salto Mexicano. De ns. 32 a 40.

…2$000 — O mesmo modelo e salto, em pellica beige ou marron. De ns. 32 a 40.

38$000 — Ultra modernissimos e finos sapatos em fina e superior pellica envernizada, preta, forrados de pellica cinza, salto Cavalier, Mexicano — De ns. 32 a 40.

Porte — 2$500.

Chics alpercatas de pellica envernizada, preta, com vistas de pellica branca, toda forrada.

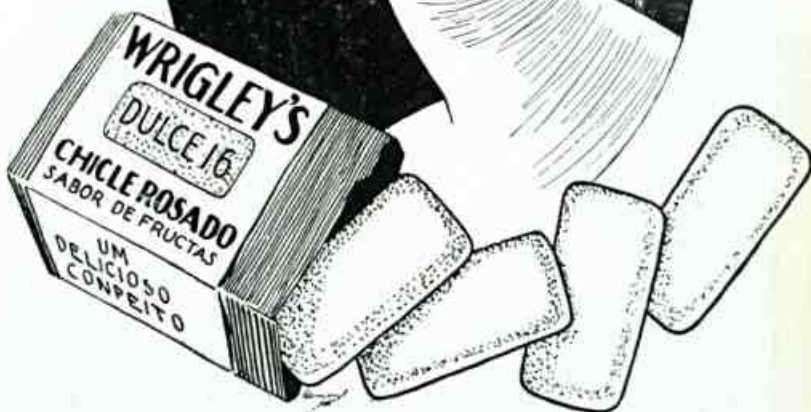
De ns. 17 a 26 .... 9$000
De ns. 27 a 32 .... 11$000
De ns. 33 a 40 .... 13$000

Em naco beige e vistas marron, mais 1$000. Porte, 1$600 em par.

Catalogos gratis, pedidos a

JULIO DE SOUZA

AVENIDA PASSOS N. 110

Rio — Telephone 4-4424

um agradavel SABOR de FRUCTAS

Peça sempre

WRIGLEY'S

(LEIA-SE RIGLIS)

DISTRIBUIDORES:

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA.

RUA THEOPHILO OTTONI, 44 - Caixa Postal 564

(RIO DE JANEIRO)

"Não só receito-o desde que principiei a clinicar, mas tomo-o desde creança."

ASSIM é que, ha mais de meio seculo, o **LEITE DE MAGNESIA PHILLIPS** é transmittido de geração em geração, receitado pelo clinico como o unico digno de confiança, e louvado com enthusiasmo por todo aquelle que a elle recorreu.

Nada o excede, para a neutralização da acidez excessiva do estomago, nada a elle se compara, em brandura e em efficacia, como laxante. Por estes motivos, é o remedio ideal, nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA APÓS AS REFEIÇÕES · ERUCTAÇÕES
AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

Incomparavel para tornar assimilavel ás creanças o leite de vacca, evitando as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia Phillips verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil e pode dar logar a irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para evitar os perigos duma imitação, exijam o envolucro azul com rotulo em Portuguez, e verifiquem o nome PHILLIPS, *impresso no mesmo.*

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo